









LAGRIMAS E SORRISOS.

POESIAS

DE

Martim Francisco Ribeiro d'Andrada

IMPRESSAS COM SUA PERMISSÃO.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA BRASILIENSE DE F. M. FERREIRA.

Rua do Sabão, 117.

1857.

6789



BIBLIOTECA DA F. F. U. L. - ASSIS	
Data	21/70 8/69.19/71
Tombo	6789 A553 L
	mul

B869.1
 A553 L
 v: LB
 33 57



Cartonado

LAGRIMAS E SORRISOS.

são as mania,
mas e Sorrisos, porque differente inspi-
ração presidio a sua composição: umas são parto
d'esse tédio e cansasso de viver a que os lu-
glezes chamão *spleen*: outras são puras mani-



B869.4
A553 L
v: LB
33 57



PREFACIO.

A rogo de alguns amigos consenti que vissem a luz do dia as minhas toscas rimas : para ellas peço aos leitores benevolencia, e aos criticos indulgencia : não sou nem me considero poeta, pois custoso fôra que um homem dado ao arido estudo da jurisprudencia, adquirisse o vago do pensamento poetico, e a amenidade de expressão, que deve ter o iniciado nos mysterios apollineos. Simples versejador atrevi-me a deixar, que fossem publicados os productos de minha imaginação, que lenitivo forão á aridez dos meus trabalhos. De natureza diversa são as minhas produções ; intitulei-as *Lagrimas e Sorrisos*, porque differente inspiração presidio a sua composição : umas são parto d'esse tedio e cançasso de viver a que os Ingleses chamão *spleen* : outras são puras manei-



festações de prazer e alegria : umas forão produzidas junto ao sublime e agreste salto do rio Tyeté, perto da cidade de Itú, entre amigos cuja lembrança me será sempre cara : outras no meio da populosa capital do Imperio : e outras finalmente no berço de meus ascendentes. Se bem succedida fôr a minha primeira tentativa, não desanimarei na carreira trilhada, se porém não merecer os favores da popularidade, retirar-me-hei da lide, porque respeito muito os juizos da opinião publica.

O AUTHOR.





LAGRIMAS E SORRISOS.

VERSOS IMPROVISADOS

NA PRESENÇA

DE

SUA MAGESTADE IMPERIAL

NA CIDADE DO ITU.

Salve neto de reis eu te saúdo,
Levanto a debil voz para cantar-te;
Fogo da inspiração me abraza as veias
M'anima a estes meus versos dedicar-te.

De Tasso ou de Virgilio mereceras
O aureo plectro, a idéa decantada,
Mas não has de encontrar no mundo inteiro
Uma alma qual a minha devotada.



Si é visto de virtudes o teu solio
Qual o throno de Deos ser rodeado,
Era dever votar-te hymnos de gloria,
E louvores tecer a teu reinado.

Assim por ver em ti anjo sublime,
Que do nosso Brasil faz a ventura,
P'ra ti da gratidão o povo queima,
O recendente nardo, a myrra pura.

Mil vivas d'alegria os ares cortão,
Euche os corações jabilo imenso,
Vê-te o povo senhor e t'admira,
Pensa o povo inteiro como eu penso.

É pois a voz do povo quem te falla
E não a voz do vate enrouquecida;
Q'en só te posso dar rasteiros versos,
Mas é tua ó Monarcha a minha vida.



Glosa de um motte dado por S. M. I. na cidade de Itú.

MOTTE.

*O sincero acolhimento
Do fiel povo ituano,
Gravado fica no peito
Do seu grato soberano.*

GLOSA.

É apenas cumprimento
Do dever o mais sagrado
D'este povo devotado
O sincero acolhimento.
Não pôde ser fingimento
Possível em peito humano
Festejar um soberano
Que as nossas almas contenta,
Que as idéas representa
Do fiel povo ituano.

Senhor, que immenso conceito
Gozas da idade na flor.
O que nos votaste amor
Gravado fica no peito :
Praza aos céos que satisfeito
Fiques do povo ituano,
E creias que um ente humano
Não tenta mais que tentou
Quando a vinda festejou
De seu grato soberano.



SONETO

À Senhora M. N.

És linda como a rosa purpurina
Que se abre do dia entre os ardores,
Linda qual debuxára dos amores
Pincel de ousado artista a mãe divina.

És linda qual estrella peregrina
Vibrando em céu azul debeis fulgores,
És linda qual s'esconde entre mil flores
Violeta que a modestia nos ensina.

És linda como a obra mais sublime,
Que collocou no mundo a divindade,
Perfeição que um mortal oh ! nunca imprime !

Minha vida e futuro e f'licidade
Só dependem de ti, e fôra um crime
Desprezar d'este amor a intensidade.



SONETO.

Como surge brilhante de fulgores
A bella e rosea aurora n'este dia,
Como exhalão aromas de ambrosia
Nos amenos jardins as lindas flores.

Como entoão os ledos amadores
Mil cantos da mais celica harmonia,
Ao escutar tão doce melodia
Semelhão bosques suspirar d'amores.

Taes galas a trajar e formosura
Por quem tanto se affana a natureza?
Por quem assume aureola tão pura?

Por Marilia, portento em gentileza,
Que aos divos serafins roubar procura
A palma da virtude e da belleza,



À NOITE.

MEDITAÇÃO TRADUZIDA DE LAMARTINE.

Co'a noite volta o silencio :
Em erma rocha sentado
Eu sigo no vacuo immenso
Seu carro tão apressado.

Venus brilha n'horizonte,
E junto a mim amorosa
Branqueia o verde tapete
Com a luz mysteriosa.

A faia de negras folhas
Sinto os ramos balançar.
Dir-se-ia junto aos tum'los
Ver fantasmas voitar.

Subito dos céos descido
Raio d'estrella nocturna,
P'ra brando ferir meus olhos
Roça a fronte taciturna.

Lindo raio que pertendes?
Reflexo de um globo ardente
Virás ao seio abatido
Trazer a luz refulgente?



Do mundo divo mysterio,
Pertenderás me aclarar ?
Ou os segredos da esfera
A que o sol te vai levar ?

Recondita intelligencia
T'envia aos abandonados ?
Ou qual raio d'esperança
Brilharás aos desgraçados ?

Acaso o porvir desvendás
Ao coração que o implora ?
Do dia que não tem termo
Serás, divo, raio a aurora ?

Sinto ignotos transportes,
Ao brilhares perco a calma,
Emprego o pensar nos mortos,
Branda luz, serás sua alma ?

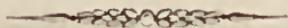
Talvez seus manes felizes
Deslizem junto a folhagem,
Perto d'elles julgo estar
Envolto na sua imagem.

Se sois vós sombras queridas,
Ao calar-se a multidão
Votae mais tarde á minha alma
Dar doce recordação.



De novo a paz, o amor
Trazei ao seio cansado ;
Como orvalho cahe nocturno
Apoz dia afogueado.

Vinde.... mas pelo horizonte
Já sobem densos vapores ;
Esconde-se o puro raio,
Tingem o céo negras cores.



AMOR.

Vibra, vibra ó minha lyra
As cordas com harmonia,
Mostra em teus magos accents
A minha viva alegria.

En vi Gelia e no seu rosto
Composto de lyrio e rosa
Divizei ternos indicios
D'uma paixão amorosa.

Seus rubros labios movia
Ternas palavras dizendo,
E o amor dentro em men peito
Mais e mais ia crescendo.



Seus olhos pr'a mim volvia
Em terno relancear,
E eu sentia em meu peito
O meu amor augmentar.

Vendo brilhar a paixão
No seu rosto encantador,
E desmaiarem seus olhos
Em pudibundo languor ;

As mãos ao céo levantei,
Dizendo em mago transporte :
« Contra a minha f'licidade
Nenhum poder tem a morte. »

Que nas almas abrazadas
Na pura chamma de amor
Dura a paixão mais que a vida
Qual a sempre viva flor.

Graças meu Deus! a ventura,
Que na minh'alma esparziste,
Por teu poder no men peito
Do tempo á força resiste.



UMA MULHER.

Poesia traduzida do francez de Loisa Arbey.

Dorme! dorme em paz! ó marinheiro
Cerra tua negra palpebra; — appacado
Está o vento e a tempestade finda;
Mal s'escuta o trovão bramir ao longe,
O arco iris no horizonte brilha,
E molle a vaga beijando-te o navio
Parece pedir perdão de seus favores,
Como o amante suspira aos pés d'amada
Quando deu causa a deslizar-lhe o pranto.

Dorme! dorme! molhada p'la tormenta
Deixa q'os labios meus te a fronte enxuguem;
Pr'a mim estende os teus contuzos braços,
Deixa no agitado seio o doce pezo
De tua fronte repouisar — parece
Adormecido infante e o olhar surprezo
Busca em balde o gigante, o heróe da vesp'ra
Mandando os ventos, escarneendo a morte.
Que! És tu meu amor? ó maravilha
Posso fraea suster-te nos meus braços.

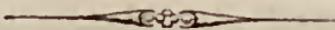


Para a pobre mulher suprema dita
É ver assim o teu poder e gloria:
É flicidade immensa! o mundo chama-te,
Vai a cidade bem depressa ver-te;
Os doirados salões, as moças loiras
Com seus olhos azues, seus rubros labios,
Lançando ao longe as vagabundas franças
Com o seu leque folgazão ligeiro,
E risonhas no meio da quadrilha
Com um brando sorrir vibrando olhares
Sobre vós, na passagem vos roçando:
Oh! como pelo oiro a fronte brilha
E com os diamantes, com as joias...
Joias! tenho-as eu que tornarião
Côr de sangue esses pescoços frageis
D'estas alvas belezas; quero ornar-me,
Com ellas nas suas festas linda
Mais que todas serei; então, amigo,
Poderás a teu gosto comparar-nos.

Quem! eu ornar-me! não, na fronte pallida
D'um osculo a impressão eis meu ornato:
Se teu peito rival me der um dia,
Eu morrer saberei, — livre deixar-te,
Morrer, ou esconder-me n'um recanto
Do navio, p'ra vir noite por noite
Teus sonhos adoçar, embriagar-me
D'esse ar que respirão os teus labios,
Jenuflexa ante o leito contemplar-te.
Dorme! dorme! meu bello marinheiro



Cerra tua negra palpebra, — não temas
Esse bulcão, que teus cabellos molha,
Nem a vaga enraivada, nem o vento,
Fazem-te a fronte estremecer, querido,
E podes na minha alma facilmente
Acalmar esta nova tempestade,
Que uma leve snspeita causar ponde.
Ao findares teu somno eia vem dar-me
Esse teu longo olhar, que vibra chammas,
O teu doce sorriso, e um terno beijo.



YANESA.

POR LUIZA COLLET.

Quem ainda uma vez não vio em sonhos
Esta Roma dos mares, esta nobre
Cidade, qu'em plaga movediça
Edificarão da liberdade os martyres ?

Quem folheando sens annaes sublimes,
Em extase não admiron proezas,
As saturnaes, as artes d'este povo,
Gigantesco té mesmo em sens folguedos ?
De clima em clima sempre conquistando,
Vlha elle derramar em snas festas
O oiro que ganhara em seus combates,



Quando com amor o cen d'Italia
D'estrelas refulgente se admira.
De safira na onda, e o gondoleiro
As alvissimas velas abandona
Ao do Zefiro sopra embalsamado ;

Quando mollemente recostada
Nos carinhosos braços do Adriatico
A cidade fantastica repouisa ;
Então o olhar do vate se enebria,
Vendo-se reflectir n'onda tranquilla
Seus palacios, prisões, e suas pontes,
Campanario, e S. Marcos gigantesco.

E os passados seculos devassa
A memoria sua : esta Venesa,
De volupia, d'opulencia e gloria
Esse foco, em que vinha sumergir-se
O oiro do mundo, — n'oceano reina.
Mais que a prisca Carthago tem thesoiros,
Mais que a soberba Tiro orgulho nutre.

Ei-la — em seus dias de triumpho
O Lião de S. Marcos a protege ;
O conselho dos dez, e o senado
Cercão o velho Doge, que s'unindo
Aos mares, lá do Bncentanro lança
O anel mupcial, que doa ás vagas,
E brilha então Venesa como outrora.



Outrora, pois que hoje ella é somente
Alma da prostituta, que se mancha,
Sem que o corpo se enrugue, — tão formosa
A embriaguez inspira, e os transportes,
Mas nos extinctos olhos uma ideia
Se quer existe, — aos fervidos amplexos
Gelida fica, — o sopro de seus labios
Exala o cheiro putrido dos mortos,



FRAGMENTO DO MENESTREL DE BEATTIE,



Se sabia musa eu invocar quizesse,
Os meus dontos accordes revelarão
Qual do vate o destino em outros tempos,
Seu coração alegre pintaria
Sob as vestes tão simples, e mostrara
A branca barba, a coma fluctuante,
A sua harpa modesta companheira
Unica de seu caminho respondendo
Ao suspirar da brisa, suspendida
Aos seus vergados hombros estaria,
E o ancião entoára caminhando
Em meia voz um estribilho alegre.
Mas pobre menestrel m'inspira os versos !

.....
Em os gothicos see'los ja passados
(Como velhas ballatas o relatao),



Adolescente pastor vivia outrora;
Talvez os seus avós morado houvessem
Terra amada das musas, da Sicília
As grutas, talvez da Arcadia os valles.
Nos paizes do norte elle nascera
Entre nação famosa por seus cantos,
Pela de suas virgens formosura,
Nação que a altivez e a innocencia
Com a modestia á liberdade uaira,
Avezada ao trabalho em p'rigos firme,
Inabalavel na fé, na guerra invicta.
Mas não era Edwin vulgar criaça :
Que grave pensamento elle nutria,
As vezes os seus olhos revelavão :
De sua idade desdenhava os brincos,
Excepto humilde frauta inda grosseira ;
Era tímido sim porém sensível,
E fruía os prazeres em silencio ;
Em muito breve espaço elle passava
Da alegria á tristeza, sem que a base
Pudesse algúem saber de tal mudança.
Estremecião seus visinhos, suspiravão
Ao vê-lo, mas de bençãos o cubrião,
A' alguns maravilhosa parecia
A sua intelligencia, porém outros
Por cívado da mente o condemnavão.
.....
Porque os jogos da infancia relatar-lhe ?
C'o a chusma dos brilhantes companheiros
Já mais estava elle, e na floresta



Entranhar-se buscava, ou então perder-se
Por sobre o ermo pincaro dos montes.
Muitas vezes a bosques solitarios
Selvatico regato em seus volteios
Os seus passos conduz. Ora elle desce
A horrido precipicio em cujo cimo
Já adustos pinheiros se debrução ;
Ora lá sobe os escaldados pincaros,
Onde brilhão torrentes saltitando
De rochedo em rochedo, e onde as aguas,
As florestas, os ventos reunidos,
Formão entre si concerto immenso,
Que pelo echo mais forte aos céos s'eleva.
Quando o albor da manhã clarêa os ares,
No cimo da colina Edwin sentado
Contempla ao longe as nuvens purpurinas,
O mar azul, os montes pardacentos,
E o lago, que brilha frouxamente
Por entre os bosquezinhos vaporosos,
O valle, que ao poente se prolonga,
Onde o dia inda luta com as sombras.
Durante as nevoas d'outomno algumas vezes
Vê-lo-hieis escalar do monte o cimo.
O' horrivel prazer l em pé na rocha
Qual marinheiro do naufragio escapo,
Que saltára na plaga solitaria,
Elle gosta de ver densos vapores
Rolarem imitando immensas vagas,
E alem se alongando p'lo horizonte,
Lá se cavarem em profundo golfo,



Aqui se arredondarem sobre os montes.
Do fundo do precipicio abaixo d'elle
Elle escuta por entre a espessa nevoa,
A pastora fallar, boir a ovelha....

Illusão e realidade.

Em uma d'essas noites claras, limpidas
Em que o céu é azul, azues os mares,
Isolado comigo á sós pensava
Da vida no futuro e uos azares.

A' mente adormecida me assaltavão
Recordações dos tempos já passados,
E os prazeres de amor tão puros castos,
Que pel'alma do vate erão gozados.

E ora para mim volver-se ternos
Via uns lindos olhos deslumbrantes,
E n'elles reflectir-se almo transporte
Eu mirava tão bem breves instantes.

Ora qual d'um anjo apparecia
Aos meus olhos um rosto encantador,
E ante a imagem vã me ajoelhava
Abrazado de puro, e santo amor.

Mas de subito as nuvens se toldarão,
Tingiu-se o céu azul de negra côr,
Longas fitas de fogo o ar sulcando
Rebentou o trovão prenhe d'horror.



No transtorno de toda a natureza
Vi então estampado o meu destino,
O subito escurecer do céu sereno
A meu humano orgulho era um ensino.

Assim tão bellos eu sonhava amores
Em a quadra risonha d'esta vida,
Assim acerbos eu soffri pezares...
Do futuro a illusão foi destruida.

MENSAGEM.

Suave brisa da noite,
Ligeira percorre os ares,
Vôa aos lares do meu anjo
Vai contar-lhe os menspezares.

Roça-lhe os labios purpureos
Tão branda como um suspiro,
E murmura a seu ouvido
Que só p'ra amal-a respiro.

Que só vivo de lembranças
Não de existencia real
Que a saudade de minha alma
A meu viver é mortal.

Quando pelos bellos cilios
O pranto se deslizar
E quando triste e chorosa
Sua cabeça inclinar ;

E depois ledo sorriso
Alegre soltando, e bella
Mandar meiga e compassiva
Que eu vôle p'ra junto della ;

Volta então ligeira ó briza,
Augmentar minha paixão,
A dar a vida a minha alma,
Delicias ao coração.

RESIGNAÇÃO.

Geme a rôla solitaria
Do amante abandonada,
Murcha-se a flor da campina
Por sol ardente crestada.

Da floresta o cedro altivo
Pela tormenta é quebrado,
E de envolta com a hera
Que a abraça derribado.



E assi vendo a natura
Trajada de luto e dó
Digo, foi para soffrer
Que Deos nos tirou do pó.

Soffro pois resignado,
Sigo as leis do meu destino,
Soffrerei quando deerepito
Como soffri em menino.

Mas aguardo outro futuro,
Outra vida de ventura,
Então sorrirão meus labios
Por gozo que eterno dura.

O Passado e o Presente.

Amor, triste engano da existencia,
Intimo cortar de agudo ferro,
Fervida illusão da mocidade,
Sonho ligeiro que tão breve duras,
Cruel martyrio aos homeus preparado,
São de estranha apparencia os teus algozes!
Tem rostos de anjo, celicos, divinos,
E fórmas que já mais a statuaria
Nos arroubos do genio imaginara,



Mas são as almas lodo e fria cinza,
E os corações vãos como a tumba
De cadaver p'los vermes consumido.
E o incauto, que teus laços desconhece,
Vê uns olhos languidos volver-se,
Brando sorriso percorrer uns lábios,
Que ao nativo coral roubão a palma
Pelo vivo carmin, que n'elles brilha,
E julga ver um céu ante elle abrir-se
De venturas, d'amor, e de prazeres :
Mas tão grata ilusão em breve finda,
E apoz as do porvir douradas nuvens,
Chegão os do presente horríveis tratos,
Que té do proprio Deus deserer o fazem,
E o peito vazio se lhe torna
Como vacuo immenso, e a sua alma
Isenta de paixões na vida fixa ;
He acerbo o remedio ; mas se o tragão
Lábios de mortal, é certa a cura ;
Tormentos eu soffri, gemi d'angustias
Segui teu rito, amor, fui desgraçado,
Hoje zombo de ti, vivo ditoso.

● que é a vida.

Sim esta existencia é toda flores,
É cheia de prazer e de venturas,
Para quem mil thesouros possuindo,
Sobre fofos coxins sempre recosta
A fronte humedecida.

Sim esta existencia é pura e limpida,
Para o amante que junto á sua amada
Em seus olhos gentis vê sua imagem,
E ternas confissões vai escutando
Que ternura revelão ;

Um beijo virginal rouba-lhe aos labios,
De sancto, infavel gozo transportado
Sente nas veias pulular-lhe o sangue,
E mira o enrubecer das lindas faes
Que a rosa imitão.

Sim esta existencia é toda flores,
Para quem dentro d'alma sequiosa
De poder e de mando ambições nutre,
E esp'rançoso porvir ao longe alveja
Ao indomito desejo.



Mas p'ra o triste na terra malfadado
Que junto ao velho pai já moribundo
Solta gritos de dôr, e pranto verte
Que as encovadas faces lhe calcina,
Qual ardente brazeiro ;

Com o suor do corpo a terra rega,
E ella ingrata o alimento lhe recusa ;
Vai humilde esmolar na praça publica,
E com mofa despreza o rico a supplica,
Que seus labios exprimem ;

Para este esta existencia é sempre horrivel,
É lento agonizar, é dor pungente,
A salvação na campa só divisa,
Porque a vida é tormento, a morte allivio.



Admiração e Amor.

Teu assento doce e brando
Escutando
Meus males esquecerei
E este viver de tristura
Por ventura
Todo delícias verei.
CORCAIRO.

Vi teu rosto, e no teu rosto
Vi brilhar a côr da rosa,
Vi teus olhos, e teus olhos
Expressão tinham mimosa.

Vi teus labios, nos teus labios
Divisei fugaz sorriso,
Vi teu corpo tão airoso,
E perdi de todo o sizo.

Vi teus cabellos doirados,
Do sol tão puro reflexo,
Vi os teus braços tão alvos
Que convidão a um amplexo.

Vi-te em fim tão pura e caudida
Como um anjo do Senhor
Tão bella como uma hourí
Toda votada ao amor.



Tão terna como um suspiro
Que sahe do peito abrazado,
Tão saucta como um conselho
De um ancião respeitado.

E vendo-te mais perfeita
Que a mente te não sonhara,
Eu jurei de sempre amar-te
Como ningnem inda amara.

Não póde o tempo a paixão,
Que me abrasa destruir,
Que só da morte a mão gelida
Póde este fogo extinguir.



PRECE.

Em noite silenciosa
Da lua ao frouxo clarão,
Na minh'alma se desperta
A doce recordação,

Da virgem tão pura e candida
Que foi meu primeiro amor,
Que tão joven se finou,
Como fenece uma flor.

E escuto flauta sonora
Soltar nota harmoniosa,
Penso ouvir-lhe a doce voz
Nos ares vibrar queixosa.

Se vejo a nevoa da noite
Espalhar-se esbranquiçada,
Julgo ver funereas vestes,
Em que fôra sepultada.

Nos gemidos da floresta
Da briza no murmurar,
No bramido da tormenta,
Sua voz julgo escutar.

E pois que tão longe d'ella
Mesmo assim eu sempre a vejo,
Une-nos ó Deus supremo,
Eis meu unico desejo.



A belleza e a piedade.

Em uns olhos azues vi a ventura
Com seus mimos de perto me acenar,
Corri.... os lindos olhos se turvarão,
Fiz protestos de amores desprezar.

Vi um esbelto corpo de donzella
Qual palmeira da terra s'elevantar ;
Corri.... o corpo airoso se curvára.
Fiz protestos de amores desprezar.

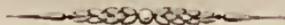
Em faces de carmin brando sorriso
Prenhe de ventura eu vi pairar,
Corri.... as ledas faces se enrugarão,
Fiz protestos de amores desprezar.

Vi doirada trança aos ares solta
Aos reflexos do sol longa brilhar,
Corri.... a trança d'oiro se alvejára,
Fiz protestos de amores desprezar.

Vi delicada mão abrir-se ao longe
E a decrepito velho esmola dar ;
Corri e vendo um anjo sobre a terra
Fiz protestos de amor exp'rimentar.



Da virgem a belleza peregrina
Dura menos no mundo q'uma flor ;
Na lembrança do afflicto eterno dura
Quem dos tormentos lhe minora a dor.



SONETO.

Se é bello de luar em noite clara
Ouvir da flauta o magico trinado,
Que as magoas suavisa ao desgraçado,
Que no peito lhe esparge ingrata avara ;

Se é bello ver bater a vaga amara
Contra o forte penedo alcantilado,
E ve-lo resistir inabalado,
Ao mar que junto d'elle se quebrara.

Se é bello ver em placida corrente
Suave deslizar baixel mimoso,
Aos influxos d'um zephyro innocente ;

Mais bello é ver um rosto venturoso
De donzella que amor no peito sente,
Ver-lhe nos labios um sorrir donoso.



A DESPEDIDA.

Adeus, adeus p'ra sempre! — as vélas soltas
Arfão no ar tocadas pelo vento,
Adeus, adeus p'ra sempre que me resta
Para ao longe avistar-te um só momento.

E breve foi o sonho de ventura
Couo em teus labios hum sorrir donoso,
E depois hum horizonte sem limites,
Das ondas o bramir tão furioso.

E a terra natal dos olhos foge,
Já me cerca do mar a imensidade,
E o meu coração em si encerra
De seu ledo passado uma saudade.

Adeus, adeus para sempre! só Deus sabe
Os que na vida correrei azares,
Mas se longe de ti lagrimas verto,
Póde a morte findar os meus pezares.



MOTTE.

*Marilia se me não amas,
Não me digas a verdade,
Finge amor, tem compaixão,
Mente ingrata por piedade.*

GLOSA.

Já que tu tão alto acclamas
Desprezar de amor transporte,
Vê que me causas a morte
Marilia se me não amas ;
Eu tenho no peito as chamas,
Que vedão a felicidade,
Suspende a realidade,
Não me findes a illusão,
Tem dó de meu coração,
Não me digas a verdade.

Se te soffro a escravidão
Anjo descido do ceu,
Não rasgues o peito meu,
Finge amor, tem compaixão ;
Se já perdi a razão,
Se não sinto alacridade,
Se tomo por felicidade,
Soffrer a paixão intensa,
Para minha recompensa
Mente ingrata por piedade.

À ELLA.

La mort est une esperance
pour celui qui n'en a plus d'autre.
LA COMTESSE D'ASS.

Eu não mais te verei, fero tormento
É a ausencia cruel p'ra quem adora !
Oh ! distante de ti nos olhos pranto,
No rosto pallidez livida mora.

E a ventura dos Céos, que de teus labios
De tão puro carmim então manava,
E o sonho lisongeiro d'esperança
Que na minh'alma alegre se entranhava,

Qual vapor da manhã esvaeceu-se
E tão breve me foi a f'licidade,
Como brisa que á tarde murmurando,
Vem da noite extinguir a eseuridade.

Oh ! a nossa união era impossivel,
Riqueza possuias excessiva,
Dar-te o meu coração eu só podia,
N'elle sempre stará tua imagem viva :

Mas, se o fado na terra nos separa,
Se unir-nos não podemos nesta vida
Um recurso, ó meu anjo, ainda nos resta,
Póde a morte junetar-nos oh ! querida



EPISTOLA.

Azolina gentil encanto e vida
D'este meu coração, d'esta minh'alma
Vem difundir no peito meu turbado
Com reciproco amor, prazer, e calma.

Teu serafico rosto encantador
Brindando amor na fronte alabastrada,
É mais bello que a flor, que solitaria,
Foi pelo orvalho da manham banhada.

Teus olhos grandes, lucidos, rasgados
São estrellas do ceo, castas, formosas
São fadas de prazer brandas divinas,
Que excedem na belleza a puras rozas.

Roga-te os labios divinal sorriso,
Sorriso d'innocencia, e de candura.
Teus dentes lindos qual o jaspe alvejão
Entre cor de carmim, e neve pura.

Teu porte nobre, altivo, e magestoso
Imita da palmeira a gentileza,
És silfide no andar, no rosto és anjo,
Respiras terna, celica belleza.



Julguei ao ver-te que á terra
Descera Venus formosa
Que aos mortaes esparzia
Forte paixão amorosa.

Triste gemido me soltava o peito,
Por julgar que d'Olimpo uma deidade,
Consentir não podia um só momento,
Em fazer d'um mortal a f'licidade.

Mas amor que aos mais timidos inspira,
Poz-me logo de parte este temor,
E mostrou-me quanto era necessario,
Manifestar-te, ó bella, o meu ardor.

Oh perdoa se um ente cá da terra
Qual eu sou, os seus versos te dirige
E se em paga do amor que te consagra,
Meu anjo, amor igual tambem exige.



O ADEOS.

Adeos, adeos! as praias de meu berço
Alem desmaiado pelo ozul das aguas.

BRAN, CHICO, HELOIS.

Adeos... adeos p'ra sempre! as velas soltas
Estremecem tangidas pelo vento...
Adeos... adeos p'ra sempre! já me resta
Para ao longe avistar-te um só momento.

E breve foi o sonho de ventura,
Como em teus labios o sorrir donoso,
Depois... um horisonte sem limites,
Das ondas o bramir tão furioso!

E a terra natal dos olhos foge,
Já nos cerca do mar a immensidade,
E o meu coração em si encerra
De seu ledado passado uma saudade.

Adeos... adeos p'ra sempre! só Deos sabe
Os que na vida correrei azares,
Mas, si longe de ti lagrimas verto,
Deve a morte findar os meus pezares.



O VATE.

(BALLATA.)

E qual ha coração de donzella,
Que responde a um suspiro l'amor,
Quando vibra nas cordas sonoras
Do alaúde do pobre cantor.

ALFONSO HERCULANO.

I.

É noite... e os seus raios frouxi-pallidos
Em céu de puro azul passeia a lua :
Bellas, limpidas brillhão as estrellas,
Quaes se forão diamantes espalhados
De fino estofo em manto peregrino.
De não vulgar aspecto alto palacio
Com o brilho refulge de mil luzes,
E dentro n'uma sala preparada
Com ornatos de prata, d'oiro e purpura
Luzida companhia entre folguedos,
Alegre passa a noite : os sons da musica
Vão echoar ao longe doces, brandos,
Como o susurrar de aerea brisa
Ao despontar d'aurora. Mil bellezas
A palma se disputão da victoria,
Mas a todos excede em formozura,
Em ademans, em garbo, em gentileza,
Ignez, joven nascida junto ás margens
Do ameno Guadalquivir na bella Hespanha,



Corpo que melhor não o talhara
De Canova einzel, ou de Cellini,
Rosto que imaginar jámais podéra
Raphael nos transportes de seu genio,
Tudo n'ella era bello, era perfeito.
De continuo os rubros labios percorria
Sorriso encantador, doce reflexo
Dos prazeres que d'alma transbordavão,
Sobre o umbral da porta recostado,
Um manebo em extasi a mirava,
De mudo e triste pranto duas lagrimas
Pelas pallidas faces deslisavão,
Oh! sim elle a adorava qual se adora,
No perdurar da vida uma vez unica,
Vate! derão-lhe o amor os sons da lyra,
Ao Creador adorou na creatura,
Ante Ignez se curvou, qual se a julgára
Santificada imagem sobre as aras,
E riso mofador só vio nos labios
Do ente, qu'a imaginação lhe figurava
Ser um anjo de Deos, obra perfeita
Que das mãos do Senhor sahido havia.
Eis porque suas lagrimas corrião
Em seu rosto p'las dores contrahido.
E a doida valsa murmurava altiva
Na sala pelas luzes resplendente,
E os cavalleiros e as damas enlaçados
Confundião seus halitos balsamicos,
E elle vendo-se assim tão isolado,

A sós com sua dor com seus tormentos,
Respirar procurou o ar da noite,
Abandonando a festa e seus encantos.

II.

E tão branda sopra a briza,
É a noite socegada,
E a violeta azulada
Os lindos jardins matiza.

Do ar sereno orvalha
Dos prados a verde relva,
A rola queixosa espalha
Seus gemidos pela selva.

A noite envolta em seu manto
De saphira e diamantes,
Revela ás almas encanto,
Que dura breves instantes.

Como é bella a natureza
Assim melancolica e triste,
A' tão divina belleza
No mundo ninguem resiste!

III.

E o abandonado Vate sem ventura
Se aproxima do mar,
E a sós com a onda que murmura
Vai seu amor cantar.



E o mar s'eleva immenso e orgulhoso,
Qual d'um mamouth a ossada,
E contra o Céu tão puro e bonançoso
Lança a vaga enraivada.

E como que compraz-se n'esta luta
Seu coração laerado,
Assim a gaivota alegre nuta
No mar encapellado.

O abysmo se easa com as dores,
Que lh'o intimo erucião,
E o reluctar do mar e seus furores
As lagrimas desafião.

E seus labios p'las dores contrahidos
Cantarão seus amores,
E toda a natureza deu-lhe ouvidos,
Ao narrar suas dores.

Da sua lyra o canto era sublime
Hymno d'um cherubim,
E as palavras que na lyra exprime,
Tristes dizem assim.

IV.

Eu te amei ó mulher — oh ! sim amei-te,
Quanto o coração amar podia,
De minh'alma os verdores consagrei-te,
A ti e só a ti no mundo eu via.



Do bolicio dos homens separado,
A sós contigo em mundo solitario,
Eu queria adorar-te afortunado
Da minh'alma no intimo sacrario.

Mulher quanto te amava não sabias,
Nem que um anjo na terra te julgava,
No vibrar de meus olhos tu não vias
O culto que ao Senhor em ti votava.

Era bella e sublime a minha sorte,
E meus vindouros dias tão risonhos,
Meu presente era todo um só transporte,
Meu futuro erão só dourados sonhos.

E pois que esta existencia venturosa,
Vieste destruir sem ter piedade,
A minh'alma buscar deve queixosa
Os mysterios sondar da eternidade.

V.

E as danças doidas ligeiras
Percorrem ledas as salas,
Folgão damas prasenteiras
Entre adornos, entre gallas.

E Iñez a mais formosa,
Qual é a roza entre as flores,
Eleva a fronte orgulhosa
Cercada d'adoradores.



E satanica alegria
Se esparge no seu semblante,
Ao ver que o poder s'amplia
Da belleza deslumbrante.

VI.

Dias depois boiando
Sobre as ondas soeegadas,
Vio-se um putrido eadaver
Com as carnes laeceradas.

No nome do triste Vate
Ninguem mais fallar ouvio,
A memoria de seus versos
Para sempre se extinguiu.



SACRIFICIO.

Beijar o nacar, que te accende os labios,
Seria para mim prazer divino
Mas eu desprezo os risos da ventura,
Que podem profanar o teu destino.

IMITAÇÃO DE BYRON, PELO DR. OCTAVIANO

Não... não posso ser teu, nem tu ser minha,
E comtudo eu te adoro, Armia bella,
Sangue d'altos avós te gira as veias,
Celeste aparição, fulgente estrella.

Eu nobre tambem tenho o pensamentô,
Que por ser de plebeo despreza o mundo ;
Nunca os olhos do vulgo penetrarão
Do coração no baratro profundo.

Mutua paixão nos unirá p'ra sempre,
Porque é puro e sincero o nosso amor ;
Mas um muro de brouze nos separa,
Não buscarei manchar-te, oh pura flor.

Junto de ti meus dias correrião,
Como corre no meio das campinas
Ribeiro, que, por entre a verde relva,
Faz passear as aguas cristalinas.



Mas veda-te a cruel sociedade
Amar um pobre vate desvalido ;
Calcarei a paixão dentro do peito,
Não soltarão meus labios um gemido.

Antes quero soffrer acerbas dores,
Que offender, nem de leve, o teu destino ;
Vou pois longe de ti passar meus dias,
Perder de te avistar, prazer divino !

E lá, quando meus olhos lacrimosos
Para sempre fechar a mão da morte.
Hão de meus labios proferir teu nome,
Será teu o meu ultimo transporte.

Não procures então, com tardo pranto,
Perturbar a minha alma no jazigo,
Porque a morte enregela os fogos d'alma,
Toda a força de amor leva consigo.



HOMENAGEM.

Bella Orde mimosa,
Como a rosa,
Na frescura da manhã
Oh! deiza-me offerer-te
E render-te
Minha offeição pura e chã.
L. G. CASANO.

Tu és bella como a rosa,
Como a rosa em mez d'abril.
Como ella és engraçada,
Engraçada e tão gentil.

Si podesse nos teus labios,
Nos teus labios eu tocar.
Si podesse a tua mão,
Tua mão alva beijar

Oh! fôra suprema dita,
Dita jámais pensada,
Realidade de Idéa,
Idéa jámais formada.

Mas tu me fojes esquiva,
Esquiva qual beija-flôr,
E eu que constante juro,
Juro sempre ter-te amor.

Embora fijas p'ra longe
P'ra longe que te não veja,
Meu pensamento tenaz,
Tenaz só ver-te desejo

Serei fiel á paixão,
A' paixão, que te votei ;
Adorar-te é meu destino,
Meu destino' cumprirei.



AMOR E ZELOS.

N'um rubor que ás faces veio,
Exprimio quanto pensava,
N'um movimento do seio
Todo o amor quanto o agitava

MARIZ SARMENTO, ROMANCEIRO PORTUGUEZ.

Vendo-te tão bella, e tão fagueira
A todos dirigindo o teu sorriso,
Oh! não sabes, não tu, que atroz tormento
Me aliena a razão, me tira o siso.

Vendo-te tão candida brincando,
Com tudo que te cerca, ó minha q'rida,
Balsamo consolador me ameiça o peito,
Reviver-me de novo sinto á vida.

Vendo um teu olhar pensar-se terno
Em um outro mortal em rosto alheio,
Subito calafrio as veias corre,
Ferro agudo me corta o intimo seio.

Mas se breves momentos tu me attendes,
Se teu limpido olhar em mim se fita,
Se o riso nos teus labios purpurinos,
A alegria, o prazer n'alma m'excita;

Eis que subito muda a minha sorte,
Minha vida é só flores, só ternura.
Em tudo que me cerca eu só diviso,
O meu amor por ti, minha ventura.



MEDITAÇÃO.

Enfant, si j'étais roi, je te donnerais l'empire
Et mon sceptre et mon char et mon peuple à genoux
Et ma couronne d'or et mes bains de porphyre
Et ma flotte, à qui la mer ne peut suffire,
VICTOR HUGO.

E a lua deslisava em céu sem nuvens
Sobre a terra seus raios dardejando,
Tão frouxos como o olhar da amante joven,
Que de amor aos gosos toda entrega
A sua alma, feitura só do Eterno.
E ella appareceu-me como um anjo,
No meio d'esta vida tão deserta
De encantos para mim, e de venturas.
Debruçavão-se os cabellos côr de ébano
Em suas faces, pelo sol tostadas,
Vibravão os seus olhos vista ardente,
Que esse supremo amor infiltra n'alma
Que só finda no gelido sepulchro :
Era sua figura bella, angelica,
Como a dera o propheta ás suas virgens !
E a lua deslisava frouxa, e pallida
Pelo céu azulado e tão sereno :
E as ondas sobre a plaga se quebravão ;
E a brisa susurrava gemedora



Por entre os altos troncos da floresta ;
E todas estas vozes da natura
Unidas entre si me parecião
A um tempo murmurar estas palavras :

Tu és bella como é bella
A palmeira do deserto,
Arrebata os coraçõs
Tua vista, ou longe ou perto,

Tu és triste e melancolica
Qual é da vaga o bater ;
Ou qual n'uma harpa colia
Da brisa aerio tanger ;

Tu és pura como é puro
D'unr infante o coração,
És divina e tão divina
Como a idéa da creação ;

És sublime e tão sublime
Qual do Vate o pensamento,
Quando prevê d'esta vida
O arduo extremo momento,

E a lua deslisava em céo sereno,
E a brisa susurrava brandamente,
Por entre os altos troncos da floresta
E a vaga sobre a plaga se quebrava.



E eu tomei meu bandolim saudoso
E toda a natureza então calou-se
Para ouvir dos labios meus estas palavras :

Desfere os sons, bandolim,
Solta a magica harmonia,
Mostra assim nos meus tangeres
A, que ora sinto, alegria.

Vi o seu rosto divino,
Erão-lhe os olhos estrellas,
Erão-lhe os labios coral,
As faces rosadas, bellas,

Seu cahello tão extenso
Da noite imitava a côr ;
E qual véo vinha esconder
Seu semblante encantador.

Desfere os sons, bandolim,—
Solta a magica harmonia
Mostra assim nos meus tangeres
A, que ora sinto, alegria

Viste na fórma um anjo,
Sêl-o-ha no coração ?
Que o revele a divindade
Que não o póde a razão. —

ILLUSÃO.

Mulher quanto te amei, quanto has perdido.
Nem o sabias tu, nem o eu sabia!
CASTILHO.— CIGARRA DO BARDO.

Era um templo... e ella de joelhos
Orava a Deus, suas lagrimas vertendo
E o pranto que pelas faces deslisava
Na lage fria e muda ia correndo...

E vendo-a assim tão triste, tão sosinha
Qual si fôra no mundo desvalida ;
Senti a compaixão callar-me o peito,
E jurei consagrar-lhe a minha vida.

Novel mal incetava esta existencia
Que tanto abunda em syrtes procelosas,
E jámais a minha alma inda sentira
Relutar de tendencias amorosas.

E n'este instante para mim solemne
Senti essa paixão tão pura e intensa
Que, quem a sente, o mundo todo esquece !
Em admirar seu idolo só pensa.

Paixão que uma vez unica exp'rimenta
O coração no percorrer da vida,
E que mesmo depois de extincto o fogo
É lembrança sim triste, mas querida.



E assim compartilhando as suas dôres
Erguí meus olhos trasbordando em pranto,
E ao ver-lhe do rosto a formosura
Julguei n'alma encontrar o mesmo encanto.

Fallarão-lhe os meus labios... ficou muda!
Vibrei-lhe terno olhar... tornou-se fria,
Ajoelhei-me ante ella... e mofadora
Vi pairar-lhe nos labios a ironia!

Era pranto d'hypocrita o seu pranto,
Suas lagrimas de dôr erão mentidas,
A uma alma composta só de cinza
As bellezas do corpo erão unidas,

Então no isolamento da minha alma
As mãos ergui a Deus, e exclamei:
Como era intenso e puro o meu amor
Tu o sabes, Senhor, não t'o direi!!

O MEU LYRIO.

Desabrocha alva flor linda morto.

GORRETT D. BRANCA.

Brota, brota meu lyrio de amor,
Não te cerquem florinhas viçosas,
Tua triste, tua pallida côr,
Aos rubores prefiro das rozas.

Meu amor é como o lyrio
Solitaria na campina,
Tem da tristeza o martyrio,
Não o brilho da bonina.
Assim incessante cresce
No meio da solidão,
E a vida não lhe offerece
Um só *gosto* ao coração.
Entregue a cruezs tormentos
Que lhe 'o intimo crucião
Vi escovar-se os momentos
Que venturas promettião,

E de accerba tristeza rodeado
Nem se quer um vislumbre de ventura
Vem raiar no horisonte tão nublado,



Da noite pela côr medonha escura.
Triste! triste! quem vive n'este mundo,
Como e só como o lyrio da campina,
Que não acha na terra amor profundo,
Que venha partilhar-lhe a dôr ferina.

É qual fonte cristalina
No dezerto abandonada,
Que por labios de mortal
Inda não fôra libada.

É qual a virgem formosa
Em negra torre encerrada,
Do amante que idolatra
Para *sempre separada*,
É qual um joven no claustro
Solitario meditando,
Que prantea o seu futuro,
Na campa se recostando :

Mas que importa este amor cruel pungente
Eu o adoro cercado de desgraça,
Este veneno que me rõe a vida,
Quero agora sorvel-o em negra taça.
A vida sem amor ermo dezerto
Sempre se figura ao ser creado,
Não quero não tornar-me statua gélida
Prefiri antes amar, não sendo amado.



A DESDITOSA.

Ditoso o bardo, si encontrar pedesse
Quem tamanha paixão n'alma tivesse.

SILVA LEAL.

Pauvre fleur de grève
Plus pale, qu'un rêve.

ALEXANDRE DUMAS.

Non la conobbi'l mondo, ma si l'ebbe.

PETRARCA.

Negro era o ceo, a terra escura,
A tormenta nos mares desvairada ;
E toda a natureza temerosa,
Só de triste lucto era trajada.

I.

E ella estava só, immovel; triste
No pincaro escaldado da montanha,
Não lhe banhava então o pranto as faces,
E no peito asilava dôr tamanha.

A verdadeira dôr vive callada,
Dentro do coração, no seio d'alma,
Não tem por elemento a bulha, os gritos :
É horrivel, pungente a sua calma!

A d'antigo volcão negra cratera
Não tem na superficie lava ardente ;
Mas quem vai apalpar-lhe as ciuzas suas
O fogo que a consome, logo sente.

No semblante tão lindo, tão angelico,
Pallido, como o rosto de um finado,
Transluzia da dôr o effeito horrivel,
Que mostrava quão triste era sen fado.

Porque ainda tão joven, tão formosa,
A alegria do peito lhe fugira ?
As sendas tão desertas da montanha,
Porque em noite medonha ella seguira ?

II.

A brisa da manhã lhe bafejára
A pura existencia ;
O limpido horisonte lhe agoirára
Do porvir a excellencia.

Nos alegres jardins das lindas flores
O suave odor,
E o canto dos plumosos amadores
Dizião-lhe — amor. —

E tudo na natura a convidava
A amor experimentar ;
E ella, que na natura confiava,
Protestou de amar.



III.

E ella amou, assim como no mundo
Coração de mulher amar só pôde ;
Sentio essa paixão ardente, immeusa,
Que enleva o coração, abrasa o peito,
Que de mil sacrificios se alimenta,
E si quer não consente um sentimento,
Que todo não pertença ao ente amado,
Paixão, que o pensamento nosso isola
Da mesquinhez, do vacuo deste mundo ;
Que em mundo, todo novo, vai depôr-nos
Sosinhos, junto ao ente, qu'adoramos.

E o homem a quem votára seus amores,
Tão sublimes, tão puros, tão intensos !
Comprehender não sonbera o alto preço,
E toda a candidez d'est'alma joven ;
Frio era o seu peito, como o marmore,
Como a lage do gelido sepulchro ;
Jámais o coração lhe palpitára
Por um pensar de amor ; trêdo interesse
Dirigira na vida as acções suas.
Oh ! não podia um ente assim composto,
D'um anjo comprehender o pensamento.



IV.

E na montanha ella estava
Triste e desesperada,
E surdo pranto banhava
A sua tez descorada ;

E quando rompeu a aurora,
Sem forças ali jazia,
E a brisa gemedora
Seus cabellos sacudia.

E o sol ledo brilhava,
Era bella a natureza ;
Porém n'esta alma mora
Inextinguivel tristeza :

E após breves momentos
A vida se lhe exauriu,
Forão crueis seus tormentos,
Mas um ai não se ll'ouviu.

Celeste asylo se abriu
Para acolher sua dôr ;
Da terra um anjo subiu
Para junto do Senhor.



ROLLA.

POEMA DE MUSSET.

(Fragmentos.)

É sobre branea neve, ou sobre estatua,
Que uma alampada d'oiro suspendida
Faz tremer o azul de um cortinado ;
É mais pallida a neve, menos claro
O marmore ; — uma criança é que repousa ;
Sobre os labios entre-abertos um suspiro,
Suave e brando, ajeja por instantes ;
Mais leve do que aquelle que deslisa
D'entre as hervas marinhas, quando á tarde
Sobre os mares o zephiro esvoaça ;
E suas azas fraquear sentindo
Sob os das flores beijos ardentissimos,
O aljofar das cannas vai sorvendo,
Sobre os braços nús que os ares cortão.

Eterno cahos ! — prostituir a infancia !
Não seria melhor sobre este leito
Indefeso rasgar-lhe o lindo corpo
Com o agudo córte de uma foiee ?
Apertar-lhe o pescoço còr de neve
E frangir-lhe p'ra sempre os fracos ossos ?
Não seria preferivel sobre a face



De viva cal uma masc'ra depòr-lhe,
Do que della fazer um rio limpido
Na pura superficie que reflecte
As flores e as estrellas que deslisão,
Indo manchar-lhe o fundo com veneno ?

Oh ! quanto é bella ainda ! que thesouro
O' natureza, que primeiro beijo
A seu tempo o amor te preparava !
Que sazoados fructos produzira
Quando a sua flor desabrochasse,
Esta belleza angelical ! que chamma
Intensissima, pura, se acordara
Nesta alampada casta em algum dia !

O' pobreza, tu foste a prostituta
Foste tu, que no leito depozeste
Esta infeliz criança, quando a Grecia
No altar de Diana a collocára !
Ella orou esta noite indo deitar-se ;
E a quem ella orou ?... Oh ! Deos Supremo !
E é a ti que nesta cruel vida
Ella implora, e roga de joelhos ?
Foste tu, ó pobreza, que entre as brizas
D'uma amarga vigilia entre os soluços,
De noite a sua mãe dizer vieste :
« É pura, é bella, é virgem tua filha :
« Virgindade e belleza ha quem as compre. »
Tu a lavaste p'ra leval-a á orgia



Como levão-se os mortos p'ra o sepulchro ;
Ao fuzilar dos relampagos tu eras
Que envolvida em teu manto a acompanhavas.

Fitava Rolla a vista melancolica
Em Maria, no leito adormecida ;
Um quê de horrivel, quasi diabolico,
Fazia estremecel-o até os ossos.
Ella lhe custava caro, — p'ra pagal-a
Sen ultimo dinheiro dispendera ;
Sabião-no os amigos, e chegando
Suas mãos apertára, e promettera
Que do dia ao raiar morto seria.
Tres annos os mais bellos desta vida
De embriaguez, de delirio, e de volupia,
Como um sonho ligeiro ião sumir-se,
Qual se escða o cantico longinquo
Do fugitivo passaro, e a triste noite.
Noite de morte, a ultima em que reza
O agonisante sua oração extrema
Só com a sua mente, os labios mudos,
Aonde ao condemnado se perdõa,
Por que ao Ente-Supremo se aproxima !
Junto a uma prostituta passar vinha,
Elle, que era um christão, e que era um homem,
Junto della, uma pobre, uma criança,
Que — esperando — no tumulo adormecera.
Será verdade, ó sec'lo, que o que fazes
Se visse sempre ?... Impetuoso rio

Repulsivos cadaveres conduzes
Ao vasto mar.... sobreaguão em silencio ;
E esta velha terra que assim mira
Viver, morrer a triste humanidade,
Do sol em roda na orbita girando
Vai ligeira subindo ao Ser-Supremo,
Procurando attingil-o no seu giro,
E da dôr os queixumes enviar-lhe.
Levanta-te pois que é assim, ó prostituta,
Mostra os teus seios nús !.. o vinho corre,
E a brisa da tarde os cortinados
Branços balança no teu ledo espelho,
Na ceia menos terror sentio o Christo.
Que prazeres na mente agora sinto !

Viva o amor a que a embriaguez se segue,
Exhalem beijos teus de Hespanha o vinho.

Da vertigem das orgias o espirito
Ao anjo do prazer vá conduzir-nos ;
Cantemos o amor, Baccho, a loucura
Bebamos ao passado, á vida, á morte ;
Bebamos, esqueçamos, e soltemos
A liberdade um viva, celebrando
O ouro, a noite, o vinho, e a belleza !



SENTIMENTO E PÉ.

Apraz-me ver no ceu brilhar a lua,
E reflectir sua frouxa claridade
No mar que vem bramir na praia nua
Com despotico poder e magestade.

Dos ventos, que que pleiteião na tormenta,
Apraz-me em hora morta ouvir o brado,
E o estremecer da vaga, que rebenta,
Contra a plaga, ou penedo alcantilado.

Apraz-me ver as nuvens se rasgarem
Ao fuzilar do raio precursor,
E os cedros da floresta desabarem,
Quebrados da tormenta pelo horror.

Apraz-me ver baixel fragil pequeno
Reluctar entre as vascas d'agonia,
Pedir a providencia um ceu sereno,
E tremer com temor da ventania.

Apraz-me ver um rosto descorado
De mortal na sua hora derradeira,
Dos males se temer, que ha praticado,
E a Deus implorar p'la vez primeira.



No meio do transtorno da natura
Quando tudo combate ou tudo chora
De Deus o sacrò nome então murmura
Minha alma que a vontade sua adora ;

Pois que os ventos, o mar, a tempestade
Se accalmão ou rebramem com furor
A um unico aceno da vontade
D'aquelle a quem proclamão o senhor,



LUGA.

ELEGIA POR ALFREDO DE MUSSET.

Amigos, quando morrer.
Plantai no tum'lo um salgueiro ;
Gósto de sua folhagem,
Seu pallor me é prazenteiro ;
Leve poisará a sombra
Sobre a terra em que eu jazer.

Uma tarde eramos sós ; eu perto della
Que a cabeça inclinava sobre o cravo,
Deixando fluctuar a mão de neve ;
Um murmurio apenas mal se ouvia,
Semelhava adejar de brando zefiro,
Longinquo deslisand'o sobre as cannas,
Temendo de acordar os passarinhos.
De melancolicas noites as volupias,
Em derredor de nós, iam saindo,
Do entreaberto calice das flores ;
Do parque as castanheiras e os carvalhos
Os seus chorosos ramos balançavão.
Ouviamos da noute o murmurio :
A entre-aberta vidraça consentia



Perfumes penetrar da primavera,
Mudos os ventos, solitário o campo,
Jovens e isolados, — nos pensavamos ;
Eu olhava p'ra Lucia, ella era pallida ;
Nunca do puro céo mais doces olhos
Sondarão por tal modo a profundeza,
E o azulado sublime reflectirão.
P'la divina belleza arrebatado
Nada amava no mundo senão ella,
Qual si fôra uma irmã julgava amal-a,
Transluzia o pudor nas acções minhas.

Callados permauecemos co'as mãos juntas :
Via attento pensar a fronte triste,
A' cada pulsação n'alma sentia,
Como são para nós fortes remedios
Da paz e felicidade os signos gemeos :
No rosto e coração a mocidade,
Sua imagem brilhar via em meu olhos ;
Imitou seu sorrir, sorrir dos anjos,
Cantou, uma aria cantou, que a febre
Ardente arranca, recordação tritissima
De um coração, que cheio de futuro,
Sente que a existencia o abandona.
Era a aria, que modulára Desdemoua,
Tremula collocando sobre o leito
Sua fronte de tedio carregada :
Qual do peito soluço derdadeiro
No silencio da noite ella suspira.



Primeiro os puros accentos repassados
De indefinivel tristeza parecerão
Só debil languidez mostrar apenas,
E esta embriaguez tão doce d'alma,
Em que a bocca sorri, os olhos chorão.
Qual viajante na barca recostado
Da torrente á mercê levar se deixa,
Não procura indagar, nem saber busca
Si n'um lago, ou torrente se transmuda
O rio, que na barca o arrebatá ;
Entregue ao pensamento assim a joven,
Sem sentir o temor e sem esforço,
Embalada pela vóz, que aos ares solta
Do harmonico rio sobre as vagas.
A ribanceira deixa, os céos olhando.
Já o dia se acaba, o vento sopra :
Silencio ! quebra o terror, estende,
Precipita os sons da tarde sobre as nevoas ;
Passo a passo o matador se avança,
Do homem e do demonio eis o combate,
Iago, a acção . . . Cassio já morre . . .
Será a vóz do pescador, do vento o sopro ?
Escuta moribunda, que mais forte
Existir n'este mundo d'ôr não póde,
Que fliz recordação, quando se soffre ;
Quando a chamma, no canto derradeiro,
Vem a alma repassar p'la vez terceira ;
E que bradando á criança aperta
Contra seu coração seu instrumento,



Sentio então a joven que o genio
Não mais ternos sons ia pedir-lhe ;
Soluços de harmonia á Deos levanta.
Moribundo em seus braços olvidava
O instrumento. Oh ! Deos, morrer d'est'arte !
Casta e cheia de vida . . . Cessou tudo,
Encantos e terrores, e calando
A mulher recebeo apenas pranto :
Chora, que o céo te vê, chora, oh ! filha,
No canto de teus olhos deixa a lagrima
Brilhar e deslisar qual uma estrella.
Oh ! quantos desgraçados, cuja cinza
É hoje pranteada, só pedião
P'ra viver e abençoar terriveis males
De meus liudos olhos uma lagrima !
Filha do padecer, oh ! harmonia,
Linguagem, que p'ra amor creou o genio,
Que vens da Italia, e que do céo lhe veio ;
Do nosso coração dôce linguagem.
A unica, em que passa o pensamento,
Sem ter de arreccar vista indiscreta,
Envolto no seu véo, qual temerosa
Virgem, que uma ligeira sombra offende.
Quem sabe o que dizer pôde uma joven
Nestes suspiros divinos, que são nados
Naquelle proprio ar, que ella respira
Tão triste, como o coração é triste.
Tão dôces como sua voz é dôce.
Surprehende-se um olhar, ou uma lagrima.



E' o resto mysterio não sabido,
Como é o da noite, bosques , ondas.

Eramos sós, pensativos ; eu a olhava ;
De sen romance o echo parecia
Estremecer d'entro em mim ; sua cabeça
Encostou ella então sobre meu hombro.
Sentiria gemer dentro em teu peito
Desdemona ? choravas, infeliz menina ;
Sobre a bocca adorada tu deixaste
Os meus labios poisar-se tristemente ;
Foi tua dôr quem recebeo meu beijo.
Qual te abracei então, sem côres, gelida,
Tal dois mezes depois tu repousavas,
No sepulchro ; assim, ó flôr tão casta,
Tu de subito o mundo abandonaste ;
Tua morte foi apenas um sorriso,
Tua vida tambem sorriso fôra ;
A' Deos foste levada no teu berço.
Dôces mysterios do lar, em que a innocencia
Habita, os risos, as canções, palavras
Da infancia, e tu, desconhecido encanto,
A' quem inda ninguem pode esquivar-se,
Que fizeste, que Faust ainda hesitaste
Junto de Margarida ; ó ! candura
De nossos primeiros dias, onde habitas ?
Paz profunda á tua alma, ó ! criança,
A' tua memoria. A Deos ! de neve



Tua mão — de marfim sobre o teclado
Não mais ha de correr em noite fresca.

Amigos, quando eu morrer,
Plantai no tum'lo um salgueiro ;
Gósto de sua folhagem,
Seu pallor me é prasenteiro ;
Leve poisará a sombra
Sobre a terra em qu'eu jazer.



À TARDE.

Como és bella, ó tarde melancolica !
Ou cercada de nebulas no inverno,
Ou no servido outono acalorada
Pelos do ardente sol ultimos raios !

É bella a noite mistica correndo
D'ebano em seu carro um ceu brilhante
Pelos raios da lua, que deslisa
Entre immensas estrellas scintillante.

É bella a noite triste se espraizando
Em ceu por negras nuvens obumbrado,
Quando alto troa o brado da tormenta
Ao romeiro da vereda transviado.

É bella a aurora leda, folgasã,
Tingindo o ceu de côr avermelhada,
Ao alcar-se dos braços do Oceano,
Pelas gotas do orvalho inda aljofrada.

Mas és mais bella do que a noite, e aurora,
O' tarde na tua hora derradeira !
Quando um adeus extremo ao mundo envias,
Quando o sol entre as ondas se mergulha.



Dos trabalhos do dia fatigados
Nessa hora melancolica e solemne
Pela lucta que a noite e o dia travam
Mais apressado o coração pulsar-lhe
Sente o vate; e saudoso se recorda
Dos da sua infancia alegres annos
E em doce melancolia sepultado
Vendo do sol os raios derradeiros
A orla abrihantarem do horisonte,
Do imo peito lhe rompem estas vozes :
Tu és mais bella do que a noite e aurora
O' tarde na tua hora derradeira.



A MANHÃ.

Como brilha tão ledo o horisonte
Adornado de côr purpurina,
Como é limpido o ceu, como a brisa
Longe espalha a frescura divina !

Tudo é alegria
Na natureza.
Veste-se a terra
D'alma bellesa.
No fresco prado
Abrem-se as flores,
Cantam os passaros
Os seus amores.

Surge Phebo no horisonte,
Sobre a terra vibra os lumes,
Subito as arvores crescem,
Exhala a flor seus perfumes.

Das tocas surgem os reptis
De mil variadas côres,
E as formas asquerosas
Expõe do sol aos ardores.



Innocente animalzinho
Mansamente e com temor
Vem expor o fragil corpo
Ao benefico fulgor.

Até do centro dos bosques
Pululla a fera bravia,
Prestando assim homenagem,
Dando preito ao rei do dia.

Contente a natureza toda folga,
Vendo o sol elevar-se do oceano,
As plantas alentar, dar voz aos passaros,
E as vistas alegrar de todo o humano.

O espectaculo da manhã bello e tocante
Enleva o coração, exalta a mente,
E na da criação obra sublime
O poder do Senhor reconhecemos.



RECORDAÇÃO.

Era bello esse tempo passado
Em que os meus nos teus olhos fitando,
Ia sempre de amor arroubado
Tua falla tão doce escutando.

Este som que tão brando encantava
O meu peito de amor todo cheio,
Mais e mais na minh'alma entranhava
De perder-te o dorido receio.

Se mirava teus olhos buscarem
Outro rosto a não ser o meu rosto,
Eu sentia meus olhos chorarem,
Penetrar-me no peito o desgosto.

Eras tu minha vida e futuro,
Eras alvo da minha esperança,
Objecto do amor o mais puro,
Nas tormentas do mundo bonança.

Se volvias teus olhos tão lindos
Penetrava nest'alma a ventura
E brotavam prazeres infindos
Da paixão tão sagrada e tão pura.



Mas fugio-me do peito a alegria,
E passaram os gozos de amor,
Negra noite tornou-se-me o dia,
O hydromel em fel e amargor ;

Pois que longe de ti ó querida,
Sinto a força da acerba saudade
Que me rouba os alentos da vida
E me impede gozar flicidade.

3352



SONETO

Offerecido á Senhora Augusta Candiani depois
de ouvil-a cantar.

Se na scena de luzes resplendente
A voz soltas harmonica e tão pura,
Se brilhante de amor e formosura
Exprimes a paixão que Romeo sente ;

Um mortal haverá, que ousado intente,
Tua maga voz louvar que o ceu procura?
Sim, que a voz do mortal é fraca e impura,
Mas aos anjos cantar Deus lhe consente.

Tu que pintas tão bem doce transporte
Do joven, que nos braços tem a amada,
Tu que imitas do amante a triste morte,

Oh! és um anjo. A lyra me foi dada
Para cantar-te. Cumprirei a sorte
Té a ultima corda achar quebrada.



SONETO

Dedicado á Ex.^{ma} Sra. D. M. J. depois de ouvil-a
cantar.

Tão doce como o canto harmonioso
Do sabiá trinando seus amores,
Tão doce como a brisa ás lindas flores
Leve mandando seu gemer queixoso,

Tão doce e bello qual sorrir donoso
De rosto a que o prazer aviva as côres,
Tão doce como os plumeos amadores
Soltando queixas n'um jardim viçoso,

É o som de teus labios bella Armia,
Teu canto que divino o ceu procura,
Tua voz que meu estro desafia.

Foi prodiga contigo a audaz natura,
Deu á tua alma magica harmonia,
Ao teu rosto divina formosura.

AMOR E RAZÃO.

Amei com todo amor que um peito abriga
Votei hymnos sonoros ao meu idolo,
Vibrei-lhe junto a minha rude lyra ;
Minha alma transbordando em puro affecto
Buscava decifrar em lindos olhos
Promessas de um futuro esperançoso.
Outro a quem mais prodiga a natura
Dera dotes do corpo (não do engenho)
Poude roubar-me o coração da bella.
Longo tempo gemi, chorei n'angustia ;
O pranto qual se fôra ferro em braza
Queimou-me os olhos, calcinou-me o peito,
Ressequiram-me as fauces os soluços ;
Mas o tempo que finda os males todos
Minorou lentamente os meus tormentos,
Té que um dia a razão cobrando imperio
Na minha'alma á paixão curvada outr'ora,
Taes palavras sahiram de meus labios :
« Que importa ao vate, que uma estatua bella
Lhe não possa escutar os sons da lyra ?
Que um gelido coração não corresponda
Ao seu amor, emanação divina !
Se ao Summo Creador seu canto envia,
Se uma interna voz continuo brada
A sua alma á religião afeita :
— « A vida, — sonho que tão breve dura,
Nos aponta em seu termo a eternidade. »



O DIA 23 DE FEVEREIRO.

MEMORANÇA A' MEMORIA DE MEU PAI.

Geme triste ó minha lyra,
Sons queixosos vae soltando,
Que o pranto me corre em fio,
As tuas cordas banhando.

Foi neste dia de lucto
Qu'expirou quem deu-me a vida,
Sofrendo no extremo trance
Tortura não merecida.

Geme triste, ó minha lyra,
Sons queixosos vae soltando,
Que o pranto me corre em fios
As tuas cordas banhando.

Porém ao menos ó lyra,
P'ra minorar meu sofrer,
Em doce melancolia
Quero o passado rever,



Rever os dias da infancia,
Da vida a aurora brilhante,
Quando em seus ternos abraços
Me estreitava um pae amante.

Ver na fronte veneravel
Raiar-lhe pura alegria,
Afligir-se se eu chorava,
Rir comigo se me ria.

O' meu pai ! ó meu pai ! eras sublime,
Em o teu devotado amor á patria ;
Amavas mais a patria que teus filhos ;
Quantas vezes te ouvi heroe chamares.
Bruto sacrificando o filho a Roma !

E em troca desse amor teu excessivo,
Por essa terra ingrata em que nasceras,
Deram-te o pão amargo do desterro !
E o pranto da dôr banhou-te as faces !...
Não cobriam teu peito vãos ornatos,
Que a virtude por si tem proprio brilho ;
Nem vãos tit'los teu nome carregavam,
Q'estimavas teu nome mais q'un tit'lo.
Assim seguias sempre o raro exemplo,
Que dera teu irmão o patriarcha :
« Servir fiel a patria e o soberano,
« Recusar do serviço a recompensa. »
E no teu lar domestico beneficio



Foste sempre p'ra o misero indigente,
Desse pouco que tinhas repartias
Com a viuva e orfãos desvalidos.
E em paga desta vida pura e sancta
Tiveste de soffrer lenta agonia,
Agudos ais rompiam-te do peito,
Pelo nome de Deos em vão clamavas!

E a não ser esta divina crença,
Que uma vida além desta nos aguarda,
O agonisar acerbo deste peito
Fizera blasphemar da divindade.

Mas que importa que o corpo sobre a terra
Tenha de padecer acerba dôr,
Se mal se extingue o sopro da existencia,
Vôa a alma do justo ao Creador.

Recebe pois, meu pai, sobre teu tumulo
O dolorido pranto da saudade,
Que torna mais suave a doce idéa,
De gozares no ceu a eternidade.

Emudece, ó minha lyra,
Que as vozes m'embarga o pranto ;
Minh'alma geme e suspira,
Dos labios foge-me o canto.

À MINHA INFANCIA.

Foram bellos meus dias da infancia
Como é bello da aurora o romper,
Estes dias tão breve passados
Eram só puro goso e prazer.

Se no abraço materno estreitado
Via o corpo tão fragil vergar,
Eu dizia ha no mundo ind'um'alma
A quem devo constante adorar.

Pois a mãe, dom do ceu, dom sublime,
Concentrando no infante o amor,
É qual arvore do monte frondosa
Quando abriga dos ventos a flôr.

Se meu pai nos seus braços cançados
Me apertava com meiga ternura,
Se na fronte enrugada pela idade
Lhe brillhava a alegria mais pura ;

Eu me enchia de amor e respeito,
E beijando-lhe as mãos já rugosas,
Innocente eu então lhe fazia
Mil caricias de amor extremosas.



Porém dias tão bellos 'stão findos,
'Stão findos, não mais voltarão,
Que os trabalhos da vida cortaram
Doces gosos do meu coração.

Mas ao menos recorda minh'alma
Estes dias de branda ventura,
E a lembrança suave da infancia
Avivar na memoria procura.

Lenitivo me seja ao soffrer
A lembrança do tempo passado,
Poss'ella um allivio me dar
A este peito p'la dôr lacerado.



A VENTURA.

Corro e abraça-la
Ealbuçamos,
E ambos ficamos
Sem respirar.

GABRIEL.

Era bella como um anjo
Como um anjo do Senhor,
E sua vista inspirava,
Inspirava ardente amor.

Vi a... e logo minh'alma,
Minh'alma de amor rendida,
Quiz beber nos rubros labios
Nos rubros labios a vida.

Empunhei a minha lyra,
Minha lyra de marfim,
Dedelhei-a brandamente,
Brandamente disse assim :

Adoro, mulher, teu riso,
Teu riso que me endoidece,
Adoro, mulher, teu pranto,
Teu pranto que m'entristece.

8*



Adoro tua belleza,
Belleza tão peregrina,
Adoro tua virtude
Tua virtude divina.

Este amor que me consome
Que me consome a existeneia,
Vem m'ò pagar, ó meu anjo,
Anjo de pura essencia.

Não responderam seus labios
Seus labios tão nacarados,
Mas — sim — disseram seus olhos
Seus olhos tão desmaiados.

Eu fui feliz um momento ;
Um momento breve passa,
E logo se lhe seguiu
Se lhe seguiu a desgraça.

SONETO

Feito a finada Madame Mege no papel de Lucia.

SITIO

Onde, Mege sublime, onde libaste
Essa voz tão divina que arrebatá ?
Esse olhar tão gentil que enleva e mata
Humanos corações, onde o achaste ?

Acaso ao rouxinol arrebataste
O tão meigo cantar, quando retrata
Os delirios de amor ? aos deoses grata,
Dos divos serafins a voz herdaste ?

Menos branda e suave sopra a brisa
Sobre as verdes campinas, quando ás flores
Raio ardente do sol lida suavisa.

Menos terna trina a rola os seus amores ;
Quem escuta teu canto, oh ! desassisa !
Sente nos olhos pranto, e n'alma dôres.



SONETO.

MOTTE.

Sem a doce illusão não presta a vida.

GLOSA.

Com sordido interesse o avarento
Cuide em accumular a vã riqueza,
E dos arduos combates na feresa
Se enebrie o guerreiro a seu contento ;

De velhos manuscriptos faça assento
O sabio a quem o estudo nunca pesa,
Louve o vate a pomposa natureza
Com numerozo metro e brando accento ;

Que eu não quero, Marilia, outra ventura
Que julgar-te um momento só vencida
Pela paixão que te voto ardente e pura.

Pois de sohra conheço alma querida
Que se o prazer qual sonho breve dura,
Sem a doce illusão não presta a vida.

SONETO

Feito á memoria de meu prezado Avô José Bouifacio
de Andrada e Silva, em o dia de finados de 1840.

Neste dia em que a aurora ennegrecida
Por densas nuvens da tristosa imagem
Abafa despontando a branda aragem
A atmospherá deixando entristecida ;

Neste dia em que a lyra enrouquecida,
Mestamente vibrando alta homenagem,
Eu tributo á virtude e á coragem
Que foi por alguns mortos possuida ;

Eu venho, ó meu avô, ó nobre Andrada,
Erguer meu canto, celebrar-te a gloria,
Embalde pelos zoilos insultada.

Pois nas douradas paginas da historia
Ha de ser tua fama celebrada
No alcaçar sublime da memoria.



SONETO.*

Pelas leis do destino contristado
Fui á sua morada triste e escura,
Onde habita o prazer e a desventura
Que a tanto o peito meu tem lacerado.

Ahi depois de ter depositado
Da divindade aos pés minha amargura
Pedi-lhe que tornasse menos dura
A triste condição de um desgraçado.

Confessei-lhe que tinha no meu peito
Uma ardente paixão, paixão ferina
Des que vira o semblante mais perfeito.

Respondeu-me ella então com voz divina,
Em teus altos desejos satisfeito
Os dotes gozarás da bella Eulina.

* Sou o primeiro a reconhecer os defeitos deste soneto mas sirva-me de desculpa de publica-lo o amor de pae, e de seus defeitos a idade de 13 annos que tinha quando o compuz.



DECIMAS.

MOTTE.

*Adorei uma alma impura,
Não devo adorar assim
Não devo sacrificar-me
Por quem não morre por mim.*

Lá no livro do destino
Cumpriu-me ser desgraçado,
A razão do triste fado
Busco embalde, não atino ;
Um tal preceito assassino
Offende as leis da natura,
E augmenta a desventura,
Que vem meu peito ferir,
Pois nescio sem reflectir
Adorei um'alma impura.

Fui demente, fui insano,
Cegou-me a rara belleza
Não julguei, que a natureza
A seu rosto sobre-humano
Unisse um peito tirano ;
Minha vida dei-lhe emfim,
Mas ah ! infeliz de mim !
A vista do meu tormento,
Não devo adorar assim.



Se pungido da saudade
Sua imagem me apparece
Mais minh'alma se intrestece
Mais me foge a flecidade
Brado então — da liberdade
Em troco que tens a dar-me
Se tu não queres amar-me
Não me dás teu coração?
Assim deponho a paixão,
Não devo sacrificar-me.

Mal solto tal expressão
Fico logo arrependido,
E siunto no peito fido
Pulsar o meu coração,
Ah ! se não póde a razão
Na vida ao amor dar fim,
Padeendo mesmo assim
Da ingratição o pezar,
Devo constante expirar ;
Por quem não morre por mim.



COLXEA.

MOTTE.

*Os votos que os homens fazem
São mais ligeiros que o vento. **

GLOSA.

Nem os annos os desfazem,
Por serem indissolueis,
Nunca podem ser soluveis,
Os votos que os homens fazem ;
Os das mulheres que jazem
Em total esquecimento,
Só tem por vida um momento ;
Seus protestos, seu amor,
São mais debeis que uma flor,
São mais ligeiros que o vento.

* Peço perdão de glozar este motte que foi tão bem glozado pelo nosso insigne improvisador o Sr. Moniz ; não o fiz por presumido, mas por querer imital-o, se é possível imitar ao nosso Bocage.



VINTE OITO DE MARÇO.

I.

O' lyra avezada ao pranto,
Avezada a crueis dores,
Solta um canto de alegria,
Suave canto de amores.

Não mais arquejes, meu peito ;
Seccai-vos, olhos chorosos,
Que minl'alma hoje festeja
Este dia, entre os ditosos.

Não mais o peito lacerem
Os espinhos da tristeza,
E ledto prazer respire
Hoje toda a natureza ;

Que n'este dia nasceu,
Quem em seu seio gerou-me,
Quem primeiro nos seus braços
Em terno amplexo apertou-me.



O' lyra avezada ao pranto,
Avezada a crucis dores,
Solta um canto de algria,
Suave canto de amores.

II.

Anjo do céo descido
Por quem eu vivo na terra,
Minha mãe ! nome tão doce
Que mil ideias encerra !

Alma pura, e repassada
De sancta e sublime unção,
Que a soletrar me ensinaste
Minha primeira oração ;

Que no sagrado oratorio
Comigo te ajoelhavas,
E a orar pelos finados
Compassiva me ensinavas ;

Astro sublime de amor,
Devotação, e ternura,
Que n'este dia raiaste
P'ra minorar-me a amargura ;

UMA LAGRIMA DE SAUDADE.

Cherubim perdido,
Soubo d'alma em noite melancolica,
Visão da madrugada,
Sem cor, sem luz, creada de vapores
De nevoas coroadas.

SILVA LEAL. — A Rosa Branca.

Como lyrio jazendo
Na solitaria deveza,
Faltava-lhe o calor vibrado
Pelo rei da natureza.

E a morte lhe estampára
Seu cunho na face triste,
Mas dera-lhe certo encanto,
A que um mortal não resiste.

A sua tez era pallida,
Como a tez de um moribundo,
E na flor da mocidade
Despedia-se do mundo.

Mas tinha um olhar tão meigo,
Repassado de ternura,
Mas tinha uma voz tão doce,
Tão suave, branda e pura,

9*

6789



Ao leres estes meus versos,
A doce recordação
Dos dias de minha infancia
Te brote do coração.

Lembra-te então que teu filho
Te sagra amor, e respeito,
Que por ti extremo affecto
Asyla dentro do peito.

O' lyra avezada ao pranto,
Avezada a crueis dores,
N'este dia predilecto
Adornem-te lindas flores.



Que quem a via, julgava
Ver celeste aparição,
Que quem a via, a adorava
Com extremada paixão.

Mas flor que nascera um dia
Pensa p'ra sepultura,
Teve um dia de existencia,
Mas isento de amargura.

Finou-se qual passarinho,
Que antes de esvoaçar
Sente o alento da vida
O corpo lhe abandonar.

Bello anjo de pureza
Que me abrazaste de amores,
Permite que em tua campa
Deposite pranto, e flores.

E lá do céu onde escutas
Debeis sons da minha lyra,
Ao trovador desvalido
Um canto sublime inspira.

O LAGO.

Meditação traduzida de Lamartine.

Assim lançados sempre a novas plagas,
E pela eterna noite arrebatados,
Não pod'remos jámais no mar dos tempos,
Se quer parar um dia.

O' lago ! he um anno apenas findo !
E junto ás vagas, que avistar devia,
Repara, eu só venho sentar-me,
Onde sentada a viste.

Assim bramias nas profundas rochas,
E nas rasgadas furnas te entranhavas,
Assim lançavas tua branca espuma
Em seus pés adorados.

Uma tarde calados nós vagavamos :
Sob o céo sobre as ondas não se ouvia
Longinquo som, senão o dos remeiros,
Tuas ondas fendendo.

Eis que accentos da terra nunca ouvidos
La da encantada plaga acordam echos ;
Presta attenção a vaga : — a voz querida
Profere estas palavras :

O' tempo, pára o vôo ; horas propicias,
O curso suspendei.
Oh ! deixae-me fruir breves delicias,
Dos dias que gozei :

Desgraçados de sobra vos imploram,
P'ra elles leves correi,
Tirae-lhe á vida as dores que os devoram ;
Os f'lizes esquecei.

Mas peço embalde alguns momentos iuda,
— Vai m'ó tempo escapar :
Digo á noite : « sê lenta ; — e finda.
— O dia a vem dissipar.

Amemos pois ;— da hora qu'além vara
Vamos prestes gozar,
O tempo não tem porto, — o homem não para,
— Corre e nós a quebrar.

É possível, ó tempo, que os momentos,
Em que de amor libamos a ventura
A longos tragos, tão depressa corram,
Quaes desgraçados dias !



Que ! deixar não poderemos um vestigio !
Que ! passados já ! p'ra sempre findos !
O tempo no-los deu , o tempo os rouba,
E da-los mais não ha de.

Passado, nada, Eternidade, abysmos
Dos dias que tragaes qual o destino ?
Fallai e dai-nos extasis sublimes,
Que nos haveis roubado.

Lago, mudos rochedos, grutas, bosque,
Vós que o tempo poupa, e reverdece,
Desta noite guardai, bella natura,
Ao menos a lembrança.

'Stej'elle em teu repouso, e na tormenta,
E das verdes collinas no aspecto,
E no negro pinheiro, e no rochedo,
Que p'ra tuas agoas pende.

'Stej'a no zef'ro qu'estremece, e passa,
No doce murmurar das tuas bordas,
No astro que te pratea a superficie
Com a branda claridade.

Qu'o vento gemedor, e a tenue cana,
Os tão leves perfumes do ar balsamico,
Que tudo que s'escuta, vê, respira,
Diga : Elles amaram.



O ROUXINOL.

Harmonia por Lamartine.

Quando na mudez da noite
As vozes soltas canoras,
Da solidão bardo alado,
Que te sigo tu ignoras.

Não sabes que meu ouvido,
Suspenso a tua melodia,
D'harmonica maravilha,
Sob os bosques se encobria.

Tu não sabes que meu halito
Não ousa os labios passar
E que meu pé toca apenas
Folia que teme rossar.

E qu'em fim inveja, e repete,
Com lyra menos discreta,
Teu hymno nocturno ao bosque,
Dentro d'alma outro poeta.



Porém se a lua se inclina
Nos montes p'ra t'escutar,
De ramo em ramo t'escondes,
Ao raio q'hi vem brilhar.

Se a corrente que repelle
O seixinho, que te impede,
Solta a voz por entre o musgo,
Tua voz se cala, e cede.

Tua voz tocante, subline,
Par'a terra é muito pura,
Esta musica que t'inspira,
Por instincto a Deos procura.

Teus gorgeios, teu murmurio,
São harmonica mistura,
Dos do Ceu vagos suspiros,
Dos doces sons da natura.

He a voz do firmamento,
Tua voz que s'ignora,
Do valle á sombra dormindo,
D'arv're, e furna sonora.

Imitas os sons tomados
Das ondas no murmurar,
Das folhas no estremeceer,
Nos sons do echo a expirar ;



D'agoa que do rochedo
Para o tanque em gotas corre,
Que do seio o azul ll'enruga,
N'abobada respira e morre ;

Das queixas voluptuosas
Que á noite sahem da ramagem
No som das vagas que morrem
Sobre a areia ou na folhagem.

Vi esses doces sons que mescla
O teu guia instincto santo ;
Deos deu-te a voz filomelia,
Tu deste á noite o teu canto.

Da tarde os pios mysterios,
A doce scena nocturna ;
Estas flores que s'inclinam,
Qual d'um thuribulo a urna.

Folhas onde tremem lagrimas,
Dos bosques o respirar,
De sobra encantam natura
Par'uma voz lhes faltar.

Um mesmo ser nos escuta ;
Co'a minha tua voz mistura,
Mas tua aerea oraçãõ
O céo, que a espera, procura.



É echo da natureza
De amor pureza excessiva,
Ardente divo murmúrio,
Um hymno de noite estiva.

E nós no dorido canto,
Que geme a Musa ao sahir,
Sentimos tremerem lagrimas,
Nossa dor se repetir.



APARIÇÃO.

MEDITAÇÃO POR LAMARTINE.

Tu que do moribundo dia a natureza
Consolas, — facho pallido da noite,
Oh! bem perto de mim vibra essa dubia
D'um mysterioso dia claridade :
Tua branda luz apraz aos infelizes,
Brilhante raio do dia as dores calca,
Aos olhares do sol fecham-se as palpebras,
A ti sómente a ti revelam lagrimas.

Eia, guia meus passos par'a campa
Onde um raio teu stá descansando,
Onde o joelho cada tarde dobro
Junto a um nome que vai já se apagando.
Mas que ! a pedra o repelle ! escuto passos
No musgo : brando sopro murmurou,
Minha vista se turva, eu estremeço,
Não, não é mais o teu : e sim é d'ella
Brando olhar que min'alma pēnetrou.

Por ventura serás tu, q'assim t'inclinas
Sobre aquelle, que foi já teu amante ?
Eia — e falla — teus labios tão divinos
Digam aquelle termo, um só instante,
Que tua boca murmurou outr'ora,
Quando os sons de tua voz cortou a parca,
Sobre teu leito na derradeira hora
Sombria esvoaçando. Já seus labios
A murmurar começam... vou findar :
Não, não é illusão... és tu de certo...
É ella, justo Deus, que vou avistar.

Assim pois e no céo e no inferno
Penetrar pôde fervida oração,
E tua alma transpoz essa barreira,
E da terra, e do céo separação :
Seja Deos que t'envia abençoado,
Pois deixou que meus olhos avistassem
O ente por meus olhos procurado,
Que exiges ? Desejas minha morte ?
Eia... d'est'hora em recompensa
De meus dias dispõe, de minha sorte.

Que ! sobr'este raio a sombra foge...
Por um sec'lo de pranto uma palavra
Será bastante ! O' astro que hei cantado,
Sempre abençoearei tua claridade,
Seja que no nosso elínia, da tormenta
Imperio, vogando qual navio,



No mar das nuvens, raramente findes
A triste escuridão, ou no céu bello
Propicio á tua luz, no azul tão limpido
O teu curso seguindo, com as côres
Da manhã, da colina os topes doires,
Ou molle te balançando em mar tranquillo
De teus fogos tingindo a flor das aguas
Quebres d'encontro ao mar teu raio argenteo.



RECORDAÇÕES.

Ala dina estrella minha! ab grão tormento
Que mal pode ser mór que no meu mal
Ter lembranças do bem que é já passado?

Canção, soneto.

Quantas vezes ditosos percorremos
Por mundo imaginario, a sós sentados
Em rude pedra á luz de linda estrella !!!
Quantas vezes ardentes, fervorosos,
Meus labios sobre os teus poisando a custo,
Ancioso bejci-te extasiado,
Contemplando-te bella em desalinho !!!
Quantas vezes hauri mil gozos puros
Incendido, abrazado, pelo fogo,
Fogo ardente de amor, qu'em mim gyrava ;
E tacitos favores recebendo,
E prodigo outros tantos espargindo
Tremeste... suspiraste... em fim morreste...
Morte que só dá vida e nunca mata !...
Quantas vezes depois — bem solitarios —

A' luz de candelabro meigo e terno,
Que em horas de socego do céo pende
Conversámos de amor, de nossos gozos!!!
Insensatos e loucos não pensavamos
Que tudo neste mundo em fim se extingue,
Como flores viçosas odoríferas,
Que abertas de manhã á tarde mureham!...
Tu que viste luzir por longo tempo
Prosperos dias meus tão venturosos,
E sonhos prazenteiros nos sorrirem;
— Tu que foste meu Deos — se mais não eras
Tu que lagrimas doces acoitaste
Derramadas por quem se embevecia
No supremo gozar d'almos prazeres.
Lagrimas que exprimiam os deleites
Que em peitos expansivos não cabiam;
— Tu que o delgado corpo reelinaste
Sobre mim com doçura, com ledice,
E meus ais, minhas queixas escutaste,
Não muda e fria — mas sensível, terna;
Meigos suspiros meus attende acolhe,
E o pranto desatado de meus olhos,

Que gravados em meu peito
Hão de commigo inorrer;
Pois jámais podem tiral-os
Sem que eu deixe de viver.



Nem nas orlas do jazigo,
Nem mesmo na sepultura,
Que me resta o coração
Onde existes bella e pura.

Já não sei o que é ventura,
Que avezado a padecer
Um só desejo conservo,
— O desejo de morrer.

Mas se vives feliz em plaga amiga,
Aceita os cantos meus :
Pois outr'ora me deste em grato enleio
Fervidos heijos teus.

E do lar em que habitas venturosa
Ouve o meu suspirar,
E olhar afagador desfere ao menos
P'ra quem vive a pensar.

Que em borbotões rebenta qual torrente,
Que rompe os diques seus e a terra alaga.
Separado de ti vivo penando,
E sólto exasperado os meus queixumes,
Que encerral-os de todo já não posso.

Meu ceruleo firmamento
D'estrellas mil marchetado,
Já manto negro e funereo
Sempre traz acobertado,



Os prazeres, que fruía
A' meu gosto, á meu sabor,
Acabaram como sempre
Em magoa, tisteza, e dor.

D' affectos minha estação
Mil pezares invadiram :
Só teu retrato e lembrança
Mesmo elles não destruíram.



CONTRASTE.

Mora-se em todo o mundo unico espanto
De que é por a Belleza que eu adoro
Do que cantado tenho premio o pranto.
Caldas.

És bella como o orvalho matutino
Sobre a basta verdura gotejando,
Ou qual nitida luz do astro do dia
— Desferindo ardentes raios ;
E és qual mimosa flor tão engraçada,
Que o calix seu formoso aveludado
Ao aljofar do céo abre viçosa
— Ondulando brandamente ;
E és pura como a limpida corrente,
Timpanos delicados titillando,
Que de sobre o rochedo alcantilado
— Em catadupas rebenta ;
E tens olhos, meu bem, afagadores,
Quando lagrimas d'elles se desprendem,
Ten angelico rosto salpicando
De lymphá pura e diaphana!...



E teus loiros negalhos graciosos,
Quando entrelaçados ondeando,
Como de um oiro fino a fina trança
Sobre um collo d'alabastro l...

E essa tez transparente, encantadora,
De purpurina côr tingida apenas,
Como sobre o crystal o rubim puro
Raras vezes desbotada l...

És de fervente amor magico enlevo,
És de mil graças mystico resumo,
Que morte dás e vida restitues

Sómente com terno olliar :

— Mas ah! se tua belleza a tudo excede,
Contra teu coração encrucado

Vão meus ternos ais e meus suspiros

Em bronzeo peito quebrar-se,

Como o sopro da tarde mansamente

Do azulado mar em azul espelho,

Ou qual do sol torrente coruscante

Dos montes no niveo tope !!

A

Mulher !... quanto te amei !...

CASTILHO.

Eras tão bella — e eu te amava tanto ! —
O mundo, a terra, o céu, a eternidade
Em ti se resumiam :
Donoso no viver surriro-me o fado :
De noite era sonhar — e só contigo :
— De dia era pensar.

Eras tão bella — e eu te amava tanto !
Quando a aurora no céu apavonada
Fagueira se folgava
No trépido ribeiro, que murmura,
Eu lá te via, ó seraphim formoso
No crystal da corrente ;

E o descantar do rouxinol melifluo
No raminho lascado — que gemia
A canção tristissima,
E a rôla — que pranteia solitaria
Me ensinava a escutar-te embevecido,
Quando a lna acordava.



Eras tão bella — e eu te amava tanto !
Quando o sol debruçando-se nas agnas
Larga e basta colheita
Grato colhia de lascivos beijos,
Minh'harpa suspirava com tristura,
Fallava de saudades.

E o arfar de teu peito era tão doce,
Como o adejo de brisa perfumada
Cheia de fresquidão,
Ou de vaga o soluço derradeiro
Em praia erma — ao recordar de affectos,
Ou da flor o meneio ;

E de tuas vestes o alinhar singello
Me retratava um não sei que de bello
Dos primitivos tempos :
Dera-me Deos sómente que poisasse
Meu peito sobre o teu quando offegante,
—Nos teus roçar meus labios !...

Dera-me Deos sómente que pudesse
Cingir-te á braços e morrer de amores,
Evaporar minh'alma,
Como o incenso no asylo dos finados
Como a espiral de fumo que se espraia
No templo do Senhor !...

Jámais... prosegue alegre em tua carreira :
Nunca meus labios mancharão teus gozos,
 Teu angelico somno ;
Nem de minh'harpa um som — embora triste
Irá turbar teus sonhos innocentes,
 Teu dormir tão suave.

Mas quando a morte me ceifar a vida,
Se junto do meu tum'lo ajoelhares,
 — Lá do fundo da campa
Ha de uma voz soar a teus ouvidos :
— « Inda és tão bella — e já não posso amar-te,
 O' seraphim formoso. »



SONETO.

Tinha nas faces pallidez sombria,
— Er'acerbo pensar de acerbas dores ;
Tinha nos olhos expressão de amores,
— Era terno descrever *talvez* — dizia ;

Tinha uma voz suave, que prendia,
— Era um hymno incessante de amargores ;
Tinha no rosto desbotadas cores,
— Era só desprazer, nunca alegria ;

Tinha no todo angelico e donoso
Um não sei que de luto e de tristura,
— Era visão de um sonho doloroso :

Pobre mulher ! — amava e com ternura !
Teve um sonho de amor, sonho enganoso....
Apoz... — triste acordar e sem ventura l...

J. B. A. S.



MEUS AMORES — MEUS AMIGOS.

Amizade — ilusão que os annos somem!
Amor — Um nome so bem como o nada
G. Dias.

I.

Oh! si um instante ao menos tu me ouviras,
Como em tempos d'outr'ora eu só pensava
— Tão veloz não fugira da minha alma
Divina paz — qu'a vida me doirava;

Não fôra o mundo para mim deserto,
Doudejar tresloucado a minha vida,
E os ledos sonhos que nos céos surriam
— Aerio som de lyra entristecida;

Não fôra então o vulto do futuro
— Esqueleto medonho e desornado,
O presente — uma flor emmurchecida,
— Monotono painel o meu passado.



Era bem liudo o meu scismar d'amores :
Uma visão os braços me estendia,
Risonha deslisava-me a existencia,
Ditoso era o viver qu'então vivia.

Mais tarde vi o rosto de uma virgem,
Mergulhada em torrentes de harmonia,
De luz cercada, no esplendor de festas :
Amei ; — e ella zombava e escarnecia ! —

Sempre um riso apparente nos seus labios,
Qu'interno padecer me revelava ;
Sempre humidas e tristes suas palpebras
Onde a tragos a vida eu esgotava.

Sempre no rosto seu descolorido
Longes vestigios de magoado pranto ;
— Era quente talvez — queimava as faces ;
Amou — foi seu amor um desencanto.

Pobre infeliz ! miserrima innocente ! *
Vaso d'oiro que aromas exhalara,
Planta tão cedo resequida e murcha,
Flor que n'hastea immatura descorara.

Que sina tão cruenta era esta sua !!
Que sorte dura, e má, que algoz tortura !
Nos reconditos d'alma comprimidos
Tinha suspiros, dores, e amarguras !...

* Castilho.



Nunca soltou dos labios desmaiados
Blasfemia ou maldição est'alma crente ;
Ai ! que tamanha dor, que atroz martyrio !
Pobre infeliz ! miserrima innocente !

O' singela menina, ó virgem candida,
Sorveste longos sórvos — e de fel ;
Nunca viste luzir estrella amiga,
Nunca libaste da ventura o mel.

Este primeiro desgraçado affecto
Assim passou na terra escurecida.
— E foi tão breve o meu gozar no mundo !
E foi tão longo o meu soffrer na vida !

II.

Oh ! como é doce em lubricas volupias *
Juntar a nosso peito um ser impúdico,
Alma de fogo, — coração de chammas,
Que nos abraza o seio e os labios queima,
— Entre magoadas queixas, doce fremito,
Afogados suspiros e requebros ;
E após os olhos humidos volvendo,
Ao lampejarem sonhos de ventura,
Insolente, sem peijo, vil, infame
Enlouquecer de amores !...

* Nesta parte de minha poesia ha resaios de imitação da
bella obra — *Rota* — de um genio ainda mais bello.

Oh! como é doce em lubricas volupias
Ouvir as aureas taças retinindo,
Que s'empinam festivas, — e onde o vinho
Fagueiro borbulhando roça labios
Impuros sim, mas que mentir não sabem :
Ahi mora o prazer — venal — que importa ! —
A magoa espavorida se despede,
Voraz incendio nos requeima em extase,
Vai-se a vida um momento, — e é céu a terra
Nesse magico arroubo !

Que requintar de gozos desabrocha
Nos niveos pomos, que o pudor occulta,
Quando arfam sob as mãos apressurados ;
É bello, é bello então co'a mente acceza,
Esquecido da terra e do universo,
Morrer no céu — e reviver no mundo ;
É bello, é bello em sumptuoso leito,
Onde finas cortinas se debruçam,
Onde purpureas sedas se molestan,
Alvo corpo apertar !

Tão engraçada, fugitiva, e linda
Foi no meio das orgias, que avistei-a ;
Em aerio ondular gyrava a dança,
Em vagos sons a orchestra se perdia
Ella valsava languida, abatida :



— Como o salgueiro, que a ramagem dobra
Seu corpo tão lascivo se vergava.
Fada celeste — quem te vio, amou-te,
Essencia sobre-humana te fadaram,
Tens condão de mysterio !

Os seus cabellos d'ebano ondeados
Tão negros sobre as faces lhe desciam
— Faces onde o carmim tímido ousava
De colorir apenas ; — ternos olhos
Brincavam buliçosos e travessos,
Palpebras de veludo se arqueando
Assombravam as vezes com reflexos
Nuvem de orvalho transparente e linda,
Que o requebrar dos olhos lhe encubria :
Que mulher ! — que mulher !

Do cinzel grego o hereulineo esforço
— Oh ! nunca produziu fronte mais bella !!!
Quando um sorrir os labios lhe franzia,
Quem á seu mando resistir pudera ? !
Quando uma perla lhe filtrava o rosto,
Quem com ella tambem não choraria ? !
Oh ! Deos, Deos talvez mesmo de seu trono
Se espantara do esmero de sua obra :
Era a tristura o manto de suas graças,
Tão diaphano e candido !



E eu amei-a tanto — e ella amou-me! —
Olvidou-se de tudo; á sós consigo
Fruiu prazeres, que a memoria guarda.
Coitada! — sua historia era mmi triste!
Perdeu sua mãe, ao despontar da vida,
Foi seu vagir um dobre de finados,
Alva estrella brillhon em céu negrissimo;
Cresceu, cresceu na terra, — a fome um dia
A vendeu á riqueza; em breve instante
Mercadejou sua honra.

Oh! não a maldigals, homens do mundo,
Surge p'ra vós o sol sempre brilhante,
Nunca é soturno o dia, a noite feia;
O prazer vos affaga, a dor não rala!
Não sabeis que a riqueza tudo compra,
Que é phantasma a virtude, engano a honra,
Não sabeis que ao tinir do oiro luzente
Da virgem o candor, pureza d'anjo,
Da infamia o tremedal nefando mancha?...
Tudo, tudo se compra!

Filhas, filhas do seculo — almas de lodo,
Ella vendeu o corpo e vós a alma!...
Cabeu em vosso peito amores tantos,
Quantas vagas no mar alteiam, baixam;
De tropel mil amantes se succedem,



A mentira e a traição são vossos Deoses :
Escarneo, opprobrio, horror, vergonha e sangue
Por um sorriso vosso alguns affrontam ;
E que lhes dais, mulheres deslembadas ?
— A ingratição sómente ?

E eu amei-a tanto — e ella amou-me ! —
A vida em paraiso converteu-se,
A terra em céo com ella transformou-se ;
— Ligadas nossas almas na existencia
Em eden de prazer se devassavam ;
Nesse mundo isolado que formamos
Nossa vida em disvellos derretia-se :
Fundos deleites, só nectarios favos
Em nossa estancia juntos desfructavamos :
E tudo — passou tudo ! —

Muita vez ella só, se me esperava,
Com tristonho cantar enternecia
A penedia, o mar, o céo, os ares :
Malibran a escutára com ternura
Se um instante sómente a furto a ouvisse,
Tambem a Italia lhe rendera cultos.
Oh ! que triste cantar que se espraiava !
Julieta infeliz ! — era teu canto
Quando esperavas pelo triste amante
Seus passos aguardando.



Pobre mulhier ! — si as vezes solitaria
Do centro do bulicio se esgueirava,
No seio das florestas triste errando,
— Dissereis que era o genio dos finados,
Subtil peregrinando em selva umbrosa,
Ou virgem que seu feretro abandona,
A' quem o anjo da morte ha já roçado
Funerea pallidez, descôr sublime,
Ou livido cadaver perturbando
A paz de cemiterio.

Oh! nunca, nunca ao menos o proscripto,
De um penedo sentado sobre o pinearo,
Pelo sol já n'ocaso côr de sangue,
Divisou lá nos longes do oceano
Sombra tão bella ao desmaiar da tarde.
— E perdido ficou anjo da terra,
Empeçonhada flor ao abrolhar-se
Tão suave, tão meiga como um lyrio,
Que no albor da manhã languido pende
A' beira da corrente !!!

— E quando a pobrezinha contemplava
Seu viver já tão gasto em loucas orgias,
E as maldições satanicas choviam,
Sem côr nas faces, já sem lume os olhos
Tão immovel, tão quêda parecia



Muda estatua da dor alevantada
Por mãos de pai em campas d'innocente :
E morreste ó meu fagueiro encanto,
Minha estrella sem véo que me guiavas
Nos espinhaes do mundo !

Desmaiaste avezinha do retiro,
Açoitou-te o tufão, o sol crestou-te,
E as areentas nuvens tão espessas
Teu calis de veludo empoeiraram ;
— Já não póde do sol um raio extremo
Aquecer-te essas faces tão geladas,
Alentar-te essa vida já tão fria.
Hoje ninguem de ti já se recorda :
Só eu venho encostar-me solitario
Na cruz de teu sepulcro.

Mesçalina gentil — da campa t'ergue
Ao meu une teu seio carcomido,
Morra eu comtigo n'um delirio infando !...
É noite, é noite, vem — dormem já todos :
Na minha fronte carregada pouosa
Teus labios frios de cadaver putrido....
Vale o inferno, o mundo, o céo, a terra
Fervido beijo d'alvejante ossada,
Quando a morte e a vida se reuinem
C'o sello do sepulcro ? !...

Oh ! não te assustes meu passado encanto
Minh'amiga fiel — nunca traidora,
Em tudo igual — no bem e na desgraça,
Meu queixar namorado tu me ouviste,
De enlutado cantar seccaste o pranto
E os languidos suspiros de meu peito
Me suffocaste em noites de delicias :
— Porque não vem um resumir divino
Transmutar-me a existencia em somno eterno,
Abrir-me a dura campa ?

E que me importam essas futeis maximas,
Que não nascem do peito e os labios soltam ?
Teu corpo se manchou, mas não tua alma.
Messalina gentil, — da campa t'ergue,
Horriavel bachanal aqui se entôe,
A' licença um altar alevantemos,
Zombemos do sarcasmo — e os labios roxos
Um sorriso feroz te encrespe ousado.
Ha de o mundo execrar-nos—mas que importa ?
Se nos protege amor.

Vou alçar-te da campa a negra lapida,
Vou deitar-me contigo no sepulero
Um instante sómente ; — oh ! convertamos
Este leito de pó, de cinza e ossos,
Em leito de deleites tresloucados ;



Na espessidão da noite melancolica
Sombras descommunaes hão de cubrir-nos,
E um manto de vapor doce envolver-nos:
— Gozem-se fruições, transportes d'alma,
Na louza tumular.

Vem com teus seios nus — puros outr'ora,
Roidos hoje pelo verme infesto ;
Não nos venha tolher um temor vago,
Temos a briza que nos canta amores,
Temos a lua que nos lança bençãos !
E estas sombras nocturnas por abrigo ! —
— Seja meu sangue o vinho — um craneo a taça ;
Brindemos á loucura, á morte, ao gozo,
E que amanhã comtigo — já sem vida
A terra me sepulte.

III.

Amigos, amigos,
Oh ! tive-os na terra !
— E agora nenhum,
Nenhum ella encerra.

Meus vasos tão puros
Tão cedo quebraram-se !
As candidas flores
Tão cedo murcharam-se !



Tão negro passado !
Tão negro futuro !
E o fel de infortunio
Sómente amarguro l...

IV.

Anjos de trevas, mysteriosas fadas
Que em doirado sonhar vi tão risonhas,
Encantadas visões, aerias fórmas,
Em vago imaginar acalentadas,
Cedo nascidas e mais cedo mortas
O' seraphins da incognita morada
Por Deos mandados, para Deos tão propios,
Que o mundo perverteu, nodouo tão cedo ;
E vós tambem meus astros fulgurantes
Que em céos de azul-setim me — rutilaste ;
Adeos, adeos p'ra sempre ! — o somno ferreo
Não se ha de turbar com sons perdidos.
Não quero goivos sobre o meu sepulero.
Não peço escuro pranto refalsado ;
Nem venham exhalar agudas queixas,
Solta a madeixa, desfraldada a trança,
Hypocritas mulheres louquejando :

— Plante só mão piedosa
Em meu lobrego jazigo
A florinha da saudade,
Que viveo sempre cômigo.

J. B. A. e S,



AMOR E ODIO.

Foi amor, qual meu odio, amor sem termo.
CASTILHO, Ciúmes do Bardo.

Minha vida era bella no presente,
No futuro risonha, e lisongeira,
No passado só flores recordava ;
Porém vi-te, ó mulher, vi-te — e amei-te,
Não com esse amor arido, e frio,
Que impassivel calcula os interesses,
Mas com este affecto ardente e puro
Que só abriga um coração de vate :
Um riso de desdem correu-te os labios,
Eu não tinha thesouros p'ra comprar-te,
E nem joias, nem sedas, nem brocados,
Para todo adornar-te o fragil corpo :
O meu rosto era pallido e tristonho,
Amarellada a tez, os olhos fundos,
E a belleza que n'alma tem morada,
O genio que p'la ideia se annuncia



Jámais comprehende-lo tu podeste!
Desprezaste meus als, de mim zombaste,
Da torpe ingratidão o fel amargo
Me fizeste tragar em funda taça :
Amor fervido, sem calma,
Não comprehendeste, mulher,
Um só brado de minh'alma
Não entendeste se quer.

Teu coração regelado
Não pulsa dentro em teu peito,
Ao gemer d'um desgraçado
Mostras rosto satisfeito.

E da paixão a scentelha,
Que eleva ao ente mortal,
No teu rosto não se espelha
Porque tua alma é venal.

Maldição sobre o instante em que meus olhos
Com teus olhos tão lindos se encontraram!
Maldição sobre ti ! que n'esta vida
Sob os teus sapatos de setim
Calcas-te-me a ventura tão querida,
N'alma satan, no rosto cherubim :
Maldição sobre mim ! louco ! insensato !
Que decifrar não soube em teu semblante
O affectado pudor, falso recato
D'uma alma de riquezas só amante.



Possam as minhas dores, meus tormentos
Lacerar-te algum dia os seios d'alma ;
E possam do prazer doces momentos
Para longe fugir, roubar-te a calma.

Então minhi'alma de alegria prenhe
Nos céos avistará paz e bonança ;
Que não existe um'alma que desdenhe
O prazer tão supremo da vingança.



PARTHENOPE E A ESTRANGEIRA MESSENIA

POR CASIMIRO DELAVIGNE.

Que queres, ó mulher?—Parthenope, asylo.
Qual teu crime?—Nenhum.—O que fizeste?—
Ingratos. — Quaes teus inimigos?— Esses
Que libertou meu braço. Ainda ha pouco,
Me adoravam hontem, me desterram hoje. —
Como a hospitalidade has-de pagar-me?—
Com perigos de um dia e leis eternas. —
Quem hade perseguir-te n'estes muros?—
Reis.—Quando vem?—Amanhã.—E por onde?—
Por toda a parte.—Minhas portas se te abrem,
Entra. Qual é teu nome? A liberdade.

Recebei-a, antigos muros,
Por ella outr'ora habitados;
Recebei-a, sacros porticos,
De vossos deuses aos lados;
Surgi, ó sombras heroicas,
E de perto festejai-a.



Bello céo, de alegria resplandece ;
Gera, ó terra, soldados ;
E vós, povos, cantae, cantae a deusa
Por quem morreu Leonidas ;
Sua fronte desdenhou futeis ornatos,
E semi-abertas flores preferio-lhes
Que o sangue fez brotar junto ás Termopilas,
Que murenar não poderam dois mil annos.

Sua c'roa immortal em seu caminho
Um perfume, que andazes embriaga,
Exala ; sua voz doce e terrivel
Tem vencedores accentos, que não acham
Um rebelde se quer que lhes resista,
Fazem pulsar os corações seus olhos,
Em saero amor ardendo,
E a virtude só lh'iguala o brilho.

E o povo cereando-a, lhe pergunta,
Como ella provocou dos reis a ira :
« Ai de mim ! a estrangeira lhes responde,
A verdade lhes disse,
E se acaso a imprudencia, a raiva armando-se
De meu nome, abalaram o seu mando,
Que apenas conter quero,
Deverei padecer por um tal acto ?
Podem os Allemães impôr-me penas ?

Estes vencidos da vesp'ra já esqueceram,
Escravos hontem, e tyranos hoje,
Que os clamores seus a meus ouvidos
Chegaram, e que de Arminio junto
Em suas linhas marchei, e solitaria
Suas tribus a tremer juntei de novo,
E da Germania armando os defensores,
Eu cavei, no sanguinolento gelo,
Aos oppressores seu leito de morte.

Vinga-me, justo Deos ! que viste o mltraje.
Dos beneficios meus possa a lembrança
Perseguir os ingratos, pelo medo
Dispersos. De Odin os filhos possam
Errantes sobre as nuvens, de tormentos
C'o as fronte carregadas, alta noite
Ao clarear dos fogos se mostrarem !
E possam os ossos das legiões Romanas
Com que seus plainos branquejei outr'ora,
Diant'elles levantar-se !
Que digo ! Roma inteira está sepulta
De seus trilhos no pó.
E da Itallia meu pé batendo o seio
Faz brotar batalhões.
Não sentes, ó Roma, em tuas visceras,
As frias ossadas se agitarem
Dos bravos cidadãos, que as pompas funebres
Fizeram repouisar em teus moimentos ?



Genova, quebra teus ferros ! o oceano,
Por te ver expellir repouso indigno,
Sob a fluctuante brenha se entumece
Em que vós arvorais meus estandartes
Viuva dos Medicis, Florença, resuscita !
Teus direitos prefere a teu repouso,
Eu os defendo, á escravidão prefere,
Em que ora adormecem os teus filhos,
A tua tempestuosa independencia.

Veneza, ó filha de Neptuno, bella
Como Venus — que surgiste qual a deusa
Da branca espuma, de tua belleza estatica,
Com teu novo splendor Albion deslumbra.
Eia ! O Doge em meu nome os povos rege.
Recebei-me, ó senado. — Zeno, accorda-te.—
Levanta-te, Rlsane.
Já por teu nome a liberdade clama.»

Disse, e á sua voz se agita o povo ;
N'ardente fornalha
Stá o aço a brilhar,
Sob a lima ruidosa
Oico o ferro gritar.
Geme ao longe a bigorna, o bronze soa,
Ao ouvi-lo um guerreiro enrista a lança
Seu ardente corsel outro prepara.

O velho, curvo aos annos, mas ousado
Arma seu último filho, e se colloca
Entre os demais soldados ;
Retido pela irmã que leda ri-se
Das iras juvenis,
Diz à sua mãe o ledo infante :
« No meio dos combates morrer quero. »

O que não teriam feito esses valentes
Que á força accumulavam o denodo ?
Qual o que na fuga collocára
Sua última esperança ? Qual temêra
Um momento essa morte,
Que a infancia, e velhice procuravam ?
A uma voz todos elles exclamaram :
« Toma a lyra tua, e canta os feitos
Nossos, Virgílio, em teu laurel sentado,
Que defender corremos ; um tyranno
Jámais hade calcar a cinza tua. »
Partiram então estes valentes póvos.
Trinta dias apenas eram findos,
Libava junto do laurel do vate
O Germano com elles o seu vinho,
Oppressor em socego triumphando.

Fugiu a liberdade, os tristes olhos
Já d'elles apartando,
Parthenope a chamou. Então a deusa
Lá no alto do céu pára um momento.



Trahis-te-me ; diz ella : Adeus — Eu parto —
Que! para sempre ? — Esperam-me. — Aonde ? —
Na Grecia. — Ahi como n'estas plagas
Cede-se ao numero. — Mas morre-se.
A deusa lhe responde — Adeus — profere.



O MEU PASSADO E O MEU PRESENTE.

O orphão era triste sobre a terra,
E a vida do peito lhe fugia :
Um quê de melancolico em seu rosto
Pallido, e contrahido pelas dores,
De momento em momento se mostrava.

O orphão era triste sobre a terra,
Porque um olhar se quer já mais viera,
Do intimo peito a dor esquadrihar-lhe,
Porque um'alma sua alma não buscára,
Que os mananciaes extinctos d'alegria
Fizesse reviver dentro em seu peito,
E no meio das galas da riqueza
Sózinho, desprezado, escarnecido,
Via passar a vida, com'um sopro,
Como um sopro do vento do deserto
Que abafa o respirar, resseca as faces.



Mas n'um dia tão bello, com'um sonho
Do passado tecido de venturas,
Vio uns olhos que ternos pleiteavam
Com o azul do céu limpido, e puro,
Pudibundos, seus olhos procurarem :
Subito estremecer correu-lhe os membros,
E suas mãos juntando ajoelhou-se
Extatico de amor, diante d'elles,
E seus labios brandamente murmurando,
Mandaram estes sons cheios d'encantos
A' bella que amorosa o contemplava :

Ver-te, amar-te, querer-te, anjo d'est'alma,
Arreatado o fiz n'um só momento,
Tua vista foi balsamo a meu peito,
Extinguiram teus olhos meu tormento.

Pudesse eu ter um throno, para da-lo
Em paga a teu amor, tua ternura ;
Pudesse eu possuir riqueza, e joias,
Para mais realçar-te a formosura.

Mas não... pobre orphão desvalido
N'esta tristonha arida mansão,
Nobre não sou, riquezas não possuo,
Para dar-te só tenho um coração.



Quando lá no silencio d'alta noite
Recordar tua belleza divinal,
Minh'alma dir-me-ha : « essa q'adoras
É um anjo do céu não é mortal.»

Generá tristemente a minha lyra
Como um soar d'um hymno de finado
E enxugarei meus olhos mestamente
De copioso pranto já banhado.

Então talvez idéa prazenteltra
Me assome ao peito, e lhe minore as dores,
Té que tua alma santa compassiva,
Queira recompensar os meus amores.

Ao ouvir estes termos repassados
De pura admiração, de amor tão santo,
A joven para mim sorrio tão leda
Jurou-me eterno amor ; — soube cumpri-lo.

.....
O horizonte toldado negrejava,
A tormenta nos ares rebramia,
Mas as nuvens do céu s'adelgacaram,
Vibrou o sol de novo ardentes raios.

N'este sublime quadro da natura
Retrato o meu presente e o meu passado :
O passado foi dor aguda, acerba,
O presente é de gozos recamado.



JÁMAIS!...

Pauvre fleur de grève
Plus pâle qu'un révet

Donzella! vês a lua tão formosa
No firmamento azul e salpicado
D'estrellas radiantes?
Porém olha: — na extrema d'horizonte
Aquella nuvem prenhe de tormenta
Ha de toldar-lhe o rosto.

Donzella, — não enxergas lá no paramo,
A copada palmeira estremecendo
A lancetar o céu?
Espera, espera: — quando cahir a uoite
Talvez o vendaval lhe açoite a coma,
A folhagem lhe dispa.

Donzella, — não divisam os teus olhos
N'aquelle chão de relva tapizado
Fragrantes, lindas flores?
Repara: — mais além tristonhos goivos
Da lousa tumular crescem em roda,
Regam-nos tristes lagrimas.



Oh! conchega-te a mim, alma innocente!
Com tens bracinhos torneados, roseos,
Me aperta! — oh muito e muito!
Estampa nestas faces já sulcadas
Por este d'afflicção pranto dorido
Um casto, um doce beijo!

Sempre, sempre immovel!.. nenhum gesto!..
Nas faces lividez, os olhos baços
E os labios tão cerrados!..
Em vão a chamo!... só responde o echo
Seu nome que sussurra na floresta
Nos suspiros da noite.

Ai! sem dar um gemido ao céo volveu-se,
Como um triste aleyon que as vagas roubam,
Como um anjo adormece!..
E seus loiros cabellos em desordem
Sobre seu alvo collo debruçaram-se
Tão frios, como a neve!..

Creancinha feliz, — não ha de a terra
Profanar-te a pureza, — nem o mundo
Rasgar-te o seio virgem!..
N'encêrro perennal dorme em descanso,
Que eu regarei á sós de amargo pranto
Tua singela campa...



Era o unico ser qu'inda na vida
Me consagrava amizade, —e já no tumulo!...
E morreu em meus braços!...
Oh ! nunca, nunca mais hei d'escutal-a,
Nunca ouvil-a, nem vel-a ; só me é dado
Chorar na sua campa.

J. B. A. S.



A M A N H Ã

FOR FARNY.

Com fingidas caricias m'entretendes,
Em prometter jamais tendes descanso,
E deixais apartar-se esse momento,
Que deve realizar vossas promessas.
Amanhã — me dizeis todos os dias;
E a hora que aguardam os amores
Alfim soando, junto a vós m'encontro
E amanhã repetem vossos labios.

Ao benefico Deos tributai graças,
Que vos tem outorgado até o presente
A arte de renovar vossos encantos,
Mas co'a ponta da aza o velho tempo
Roçando tocará vosso semblante,
E sereis amanhã menos formosa
E o meu amor tambem talvez mais calmo.



A NOITE

POR PARNY.

Sempre o desgraçado por ti chama
O' noite, aos pezares tão propicia :
Eia ! me traze em tuas negras azas
O — esquecimento dos humanos perfidos,
Vem velar minha dor tão solitaria
E quando o somno com a mão pezada
A chorosa palpebra fechar-me,
Demora—me o despertar, ó deoses ;
Com lentos passos a aurora se adiante
Para do dia descerrar as portas ;
Em silencio deixai, ó inportunos,
O meo amor adormecer um pouco.



SONETO.

MOTTE.

Sem a doce illusão não presta a vida.

GLOSA.

A tão sublime mellica harmonia
Da voz tua suave, branda e pura,
De teu rosto a divina formosura
Me arroubam de prazer, doce alegria.

Passo a pensar em ti a noite o dia,
Que por ti meu amor eterno dura ;
A razão abrandal-o não procura,
Que a razão ao amor ceder devia.

Sentada junto a mim sempre te vejo ;
És anjo, apparição do céu descida
A quem suplice imploro um casto beijo.

Não me fujas, visão bella e querida,
Que nos transportes vãos do vão desejo
Sem a doce illusão não presta a vida.



AMOR E A AMIZADE.

Amizade, e amor, imagens vagas,
Relampagos fugazes da existencia,
Que tão breve passais, durais tão pouco !
D'onde vindes ! do céo ? voltae a elle.
Não vos profanem corações mundanos,
Nesta terra corrupta, interesseira.
Vinde ? onde bebeste a pura origem ?
Talvez no coração do ente sublime
Que não sendo mortal, mortal tornou-se
Só pr'a remir da humanidade a culpa !...
Onde abrigo tereis, ó sentimentos
De devoção sublime repassados,
No coração da mulher frio impassivel
Que só procura vãos, futeis ornatos
Para mais realçar-lhe a formosura ?
O peito da mulher conter não póde
Os transportes que vós elevais n'alma ;
Não póde o gelo supportar no seio

D'eterno fogo a basta labareda,
E nem o marmor frio do sepulcro
Poderão esquecer beijos de amante ;
No coração do homem calculista
Que qual aureo metal amores pesa ?
Que sómente profere o nome — amigo
Quando palavras vis, torpes, impuras
O sordido interesse lhe murmura ?
Oh não de certo em peito interesseiro
A amizade, o amor, não tem morada.
Doces efluvios d'alma puros, castos,
Como a chamma no altar da deusa Vesta,
Se na terra onde mora o crime infame
Não encontrais um peito onde asyiar-vos,
Eia — volvei ao céo -- onde seus braços
Já vos abre fagueiro o ser eterno.

FIN.



ERRATA.

<i>Pag.</i>	<i>Vers.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
14	11	accentos	sons
23	8	vôe	volva
27	16	como vacuo	como o vacuo
27	17	fixa	fica
28	5	humedecida	adormecida
32	9	E escuto	Se escuto
36		Ja que tu	Tu que tão
39	3	aos	nos
43	8	do ar sereno	do ar o sereno
57	15	escovar-se	escoar-se
58	2	Como	Ermo
58	25	preferi	Prefiro

Escaparam mais alguns erros que o leitor desculpará.



